

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
NÚCLEO DE ARQUEOLOGIA**

ANA CLÁUDIA DE ARTHUR JUCÁ

**ANÁLISE DO MATERIAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO QUATRO AMORES,
POVOADO CAROBA, AREIA BRANCA-SE**

**Laranjeiras – SE
2012**

ANA CLÁUDIA DE ARTHUR JUCÁ

**ANÁLISE DO MATERIAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO QUATRO AMORES,
POVOADO CAROBA, AREIA BRANCA-SE**

Monografia apresentada ao curso de Arqueologia
bacharelado da Universidade Federal de Sergipe
– UFS, como pré-requisito para obtenção do grau
de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Jobim Campos Mello

**Laranjeiras – SE
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA

Jucá, Ana Cláudia de Arthur, 1988.

Análise do material do sítio arqueológico Quatro Amores, povoado Caroba, Areia Branca-SE / Ana Cláudia de Arthur Jucá. – 2012 – 77 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal de Sergipe, Curso de Arqueologia Bacharelado, 2012.

Orientadora: Prof. Dr. Paulo Paulo Jobim Campos Mello

1. Arqueologia. 2. Cerâmica. 3. Louça. 4. Areia Branca - SE. I. Jucá, Ana Cláudia de Arthur Jucá.

ANA CLÁUDIA DE ARTHUR JUCÁ

**ANÁLISE DO MATERIAL DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO QUATRO AMORES,
POVOADO CAROBA, AREIA BRANCA-SE**

Monografia apresentada ao curso de Arqueologia bacharelado da Universidade Federal de Sergipe – UFS, como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Jobim Campos Mello – NAR/UFS

Profa. Dra. Olívia Alexandre Carvalho – NAR/UFS

Profa. Dra. Elizabete de Castro Mendonça – NMS/UFS

Aprovada em: 01 de novembro de 2012

À minha família, em especial minha mãe Ana
Lúcia, minha tia Ana Célia e minha avó Ercília.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana Lúcia, tios Ana Célia e Márcio, avós Ercília e Domingos, meu irmão Gabriel e meu pai de coração Wilson, que apesar da distância, me ampararam e me propiciaram a oportunidade de atingir mais uma etapa do meu conhecimento acadêmico.

Ao Professor Dr. Paulo Jobim Campos Mello que me auxiliou e orientou durante esses anos, tornando possível a elaboração dessa monografia.

Ao Professor Dr. Emílio Fogaça pelas oportunidades e experiências.

À Sergio Daher e Juliana Betarello pelo auxílio na pesquisa.

Aos meus amigos de curso Aline Rios, Fábio Teles, Luciane Alcantâra, Izadora Sobral, José Edimarques, Almir Júnior, Gustavo Marins e Pedro Leonardo pelo crescimento conjunto e experiências compartilhadas.

As amigas de república Luana Morkay, Daniella Neiva, Lorena Veras, Maiane Negromonte e Vitória Motta pelo crescimento pessoal e força nas horas que necessitei.

A todos os professores do curso, em especial Dr. Gilson Rambelli e Dr. Márcia Barbosa que com seus ensinamentos, foi possível trilhar essa nova etapa.

"Graças ao trabalho de numerosos estudiosos em diversas áreas, veio à luz que as fêmeas humanas têm sido a locomotiva no nível de sociabilidade inédito alcançado pelo homem, foram inventoras das mais úteis ferramentas (chamada Revolução do Barbante), dividiram igualmente a provisão de mantimentos para as sociedades humanas, quase que seguramente conduziram à invenção da linguagem, e foram as criadoras da agricultura".

(Adovasio, J.M.; Soffer, O.; Page, J., 2009, p.15)

RESUMO

Há uma grande lacuna de informações em relação aos grupos pré-históricos que habitaram a Região do baixo-médio rio Vaza-Barris, problema que começa a ser sanado com o desenvolvimento do projeto “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris”, que tem como objetivo compreender e caracterizar os sistemas de assentamentos dos grupos pré-históricos que habitavam a bacia hidrográfica do rio Vaza-Barris.-Este trabalho tem como objetivo analisar o material cerâmico e de louça proveniente da escavação do sítio Quatro Amores, situado no povoado Caroba, município de Areia Branca - SE, a fim de discutir e contribuir para as pesquisas realizadas na região da Bacia do rio Vaza-Barris. É apresentado um breve relato sobre as tradições ceramistas da região Nordeste, principalmente no estado de Sergipe e pesquisas realizadas no mesmo, como o projeto “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris”, no qual o sítio Quatro Amores foi localizado e trabalhado, a metodologia empregada em sua escavação e análise do material cerâmico e de louça, assim como os resultados obtidos na análise.

Palavras-chave: Cerâmica, Louça, Areia Branca-SE

RÉSUMÉ

Il y a un important vide d'informations pour ce qui concerne les groupes préhistoriques qui ont occupé le bas-moyen cours du fleuve Vaza Barris. Ce problème commence à se résoudre grâce au développement du projet de recherche “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris”, dont le but est comprendre et caractériser les systèmes d'occupation des groupes préhistoriques qui habitaient le bassin du fleuve Vaza Barris. Ce travail a pour but analyser la poterie et la porcelaine provenant de la fouille du site archéologique Quatro Amores, au village Caroba, commune de Areia Branca - SE, Brésil, en cherchant à apporter une discussion et contribuer pour les recherches dans la région. Nous présentons un bref rapport sur les Traditions des potiers de la région Nord.-Est, surtout à l'état de Sergipe et les recherches qui y ont été menées, bien comme le projet “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris”, qui a permis la découverte et l'exploitation scientifique du site Quatro Amores, et la méthodologie employée pendant la fouille bien comme l'analyse de la poterie et la porcelaine. Ils sont finalement présentés les résultats issus des analyses.

Mots-clés : Poterie, Porcelaine , Areia Branca – SE

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 – Grupos indígenas em Sergipe entre os séculos XVI e XX.....	17
FIGURA 02 – Bacias Hidrográficas do Estado de Sergipe.....	18
FIGURA 03 – Localização de Areia Branca no estado de Sergipe.....	22
FIGURA 04 – Localização do Sítio Quatro Amores.....	23
FIGURA 05 – Vista Norte do Sítio Quatro Amores.....	23
FIGURA 06 – Escavação da Sondagem A, nível 0-10 cm.....	24
FIGURA 07 – Escavação da Sondagem B, nível 10-20 cm.....	25
FIGURA 08 – Finalização da escavação da Sondagem B, nível 0-50 cm.....	26
FIGURA 09 – Trincheira nível 0-10 cm.....	27
FIGURA 10 – Escavação trincheira nível 10-20 cm.....	27
FIGURA 11 – Detalhe cerâmica evidenciada, nível 10-20 cm.....	28
FIGURA 12 – Gabarito de Formas.....	30
FIGURA 13 – Gabarito de Segmento.....	31
FIGURA 14 – Gabarito de Granulometria	32
FIGURA 15 – Croqui Sítio Quatro Amores.....	53
FIGURA 16 – Foto paronâmica do sítio, direção oeste – leste.....	61
FIGURA 17 – Foto paronâmica do sítio, direção leste – oeste.....	61
FIGURA 18 – Fragmento com superfície modificada estilo Relevo em faixas sem com.....	62
FIGURA 19 – Fragmento com superfície modificada estilo <i>Shell Edged</i>	62
FIGURA 20 – Fragmentos com decoração pintada, face externa.....	63
FIGURA 21 – Fragmentos com decoração pintada, face interna.....	63
FIGURA 22 – Apêndice: alça de Xícara.....	64
FIGURA 23 – Base Xícara.....	64
FIGURA 24 – Bordas QA03, QA29 e QA32.....	65
FIGURA 25 – Bordas QA56, QA61 e QA70.....	65
FIGURA 26 – Decoração escovada.....	66
FIGURA 27 – Decoração incisa.....	66
FIGURA 28 – Desenho Bordas.....	67
FIGURA 29 – Desenho Bordas.....	68
FIGURA 30 – Reconstituição Borda QA03, diâmetro 27 cm.....	69
FIGURA 31 – Reconstituição Borda QA29, diâmetro 25 cm.....	70

FIGURA 32 – Reconstituição Borda QA32, diâmetro 12 cm.....	71
FIGURA 33 – Reconstituição Borda QA56, diâmetro 20 cm.....	72
FIGURA 34 – Reconstituição Borda QA61, diâmetro 20 cm.....	73
FIGURA 35 – Reconstituição Borda QA70, diâmetro 18 cm.....	74
FIGURA 36 – Imagem de Satélite do Sítio Quatro Amores.....	75

LISTA DE QUADROS

TABELA 01 – Lista de sítios localizados.....	20
TABELA 02 – Espessura dos grãos do antiplástico.....	34
TABELA 03 – Tipos de Queima.....	35
TABELA 04 – Tabela Análise Louça.....	54
TABELA 05 – Tabela Análise Cerâmica.....	58

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 – Localização Espacial dos fragmentos de louça.....	36
GRÁFICO 02 – Segmento dos fragmentos de louça coletados.....	37
GRÁFICO 03 – Fracção da Peça dos fragmentos de louça coletados.....	37
GRÁFICO 04 – Forma da Peça dos fragmentos de louça coletados.....	38
GRÁFICO 05 – Espessura dos fragmentos de louça coletados.....	38
GRÁFICO 06 – Fragmentos que apresentam Superfície Modificada.....	39
GRÁFICO 07 – Fragmentos de louça coletados com Decoração Pintada.....	40
GRÁFICO 08 – Motivos decorativos dos fragmentos de louça coletados e com Decoração Pintada.....	40
GRÁFICO 09 – Cores utilizadas nos Motivos decorativos dos fragmentos de louça coletados.....	41
GRÁFICO 10 – Possível Função da Peça dos fragmentos de louça coletados.....	41
GRÁFICO 11 – Localização Espacial dos fragmentos de cerâmica.....	42
GRÁFICO 12 – Localização Espacial Vertical dos fragmentos de cerâmica coletados na Sondagem B.....	43
GRÁFICO 13 – Localização Espacial Vertical dos fragmentos de cerâmica coletados na Trincheira C.....	43
GRÁFICO 14 – Classe dos fragmentos de cerâmica analisados.....	44
GRÁFICO 15 – Espessura dos grãos do Antiplástico dos fragmentos de cerâmica analisados.....	44
GRÁFICO 16 – Morfologia dos grãos do Antiplástico dos fragmentos de cerâmica analisados.....	45
GRÁFICO 17 – Tipo de queima dos fragmentos de cerâmica analisados.....	45
GRÁFICO 18 – Tratamento de Superfície Interno dos fragmentos de cerâmica analisados.....	46
GRÁFICO 19 – Tratamento de Superfície Externo dos fragmentos de cerâmica analisados.....	46
GRÁFICO 20 – Engobo nos fragmentos de cerâmica analisados.....	47
GRÁFICO 21 – Decoração Plástica nos fragmentos de cerâmica analisados.....	47
GRÁFICO 22 – Espessura da Parede dos fragmentos de cerâmica analisados.....	48
GRÁFICO 23 – Marcas de Uso nos fragmentos de cerâmica analisados.....	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO ESTADO DE SERGIPE	14
2. LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA BACIA DO RIO VAZA BARRIS, NO ESTADO DE SERGIPE	18
2.1 Sítios encontrados e resultados.....	19
3. SÍTIO QUATRO AMORES	22
3.1 Contexto Ambiental	22
3.2 Escavação	24
4. ANÁLISE DO MATERIAL	29
4.1 Metodologia	29
4.1.1 Louça	29
4.1.2 Cerâmica	33
4.2 Resultados e discussões.....	36
4.2.1 Louça.....	36
4.2.2 Cerâmica	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICE.....	53
ANEXOS	75

INTRODUÇÃO

A pré-história de Sergipe é muito pouco conhecida, sendo que a única área do estado que foi alvo de uma pesquisa sistemática e intensiva foi a da área atingida pela construção da usina hidrelétrica de Xingó. Outras poucas informações esparsas foram conseguidas através, principalmente, de coletas não sistemáticas realizadas durante o “Projeto de Mapeamento dos Sítios Arqueológicos do Estado de Sergipe”, desenvolvido entre os anos de 1984 e 1987 (AMÂNCIO, 2001).

Com o surgimento do Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe e o curso de Bacharelado em Arqueologia na cidade, outros enfoques de pesquisas estão sendo estabelecidos em Sergipe, entre eles o projeto “Povoamento pré-histórico da bacia do rio Sergipe” (FOGAÇA, 2009) e “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris” (MELLO, 2009), sendo que este segundo é o foco de nossa pesquisa.

Há uma grande lacuna de informações em relação aos grupos pré-históricos que habitaram a Região do baixo-médio rio Vaza-Barris, problema que começa a ser sanado com o desenvolvimento do referido projeto.

Durante a etapa de levantamento, foram localizados mais de 30 sítios pré-históricos na margem esquerda do rio, sendo que um deles, denominado Quatro Amores, localizado no povoado Caroba, município de Areia Branca - SE, foi alvo de uma pequena escavação que resultou na coleta de material cerâmico, sendo que o presente trabalho tem como objetivo analisar o material proveniente dessa escavação.

Assim, no **capítulo 1** é apresentado um breve relato das tradições ceramistas conhecidas na região Nordeste, em especial no estado de Sergipe.

No **capítulo 2** é apresentado o projeto de “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris”, assim como seus objetivos, metodologia empregada e resultados obtidos até o presente momento.

No **capítulo 3** é feito um breve relato sobre a cidade de Areia Branca, município onde o Sítio Quatro Amores está localizado, assim como a importância da pesquisa arqueológica na região. Também é apresentado o sítio Quatro Amores, sua localização,

os aspectos ambientais da região e a metodologia empregada durante a escavação do sítio.

No **capítulo 4** é apresentada a metodologia empregada na análise do material cerâmico, tanto louça como cerâmica, coletado durante a escavação do sítio, assim como os resultados da análise.

1. A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NO ESTADO DE SERGIPE

As pesquisas realizadas por Valentín Calderón na região Nordeste do Brasil, na década de 1960, durante o desenvolvimento do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), visavam realizar coletas sistemáticas de superfície e cortes-stratigráficos em níveis artificiais de 10 cm, o que, naquela época, era considerado suficiente para fornecer uma amostragem que pudesse identificar as tendências de mudanças na frequência de tipos cerâmicos (EVANS, 1967).

Esses dados coletados em uma grande quantidade de sítios da região, tinham como objetivos obter “... informações sobre as rotas e direções de migração e difusão, como ainda, proporcionar a elaboração de seqüências do desenvolvimento cultural de povos pré-europeus” (EVANS, 1967, p. 9). Esse método empregado limitou o nível de informações resgatadas, que por si só já eram escassas (LUNA, 2006).

Nas pesquisas realizadas no Nordeste entre as décadas de 1960 e 1980 foram colocadas que as tradições ceramistas presentes seriam Tupiguarani e Aratu.

A dispersão da cerâmica da tradição Tupiguarani se estende pelo litoral brasileiro de norte a sul, e nas bacias formadoras do Amazonas e do Prata. Essa cerâmica era pertencente a grupos humanos que moravam em aldeias de forma oval e circular com economia centrada na mandioca. É caracterizada por ser confeccionada com a técnica acordelada, com cozimento a fogo redutor ou incompleto, o antiplástico composto de caco moído, areia fina ou grossa e grânulos de argila, os vasos variam de 10 cm de diâmetro a grandes alguidares de 70-80 cm, sendo que alguns ultrapassam um metro de diâmetro; as formas abertas de paredes baixas predominam. A decoração foi subdividida em pintada, corrugada e escovada (MARTIN, 1998).

No Nordeste, a cerâmica Tupiguarani identificada foi a da sub-tradição pintada (policrômica) com desenhos geométricos e abstratos nas cores branca, vermelha, preta e cinza, com a cronologia de 500 a 1800 A.D. (MARTIN, 2008).

Já a tradição cerâmica Aratu foi estabelecida por Valentin Calderón a partir de achados nas cabeceiras do rio Grande, no litoral baiano, em Sergipe e em Pernambuco, chegando até o Sudeste do Piauí. Também houve achados em Minas Gerais e São Paulo que foram considerados da tradição Aratu por Calderón (MARTIN, 2008).

A importância da tradição Aratu está na circunstância de que não se trata apenas da localização de um tipo específico de cerâmica, mas no fato de que está perfeitamente caracterizada como uma cultura de agricultores ceramistas, formando aldeias com populações densas e ocupações demoradas, como indica a profundidade dos sedimentos arqueológicos (40, 60 e 90 cm), em comparação com as ocupações Tupiguarani que raramente ultrapassam os 30 cm e nas quais são comuns refugos de 15 a 20 cm. Nas aldeias em que se identifica o contato com os grupos Tupiguarani, assinalado pela presença da cerâmica, esta aparece sempre como intrusiva nas camadas mais tardia das aldeias Aratu, adquirida por comércio ou por ocupação violenta, quando se nota a substituição dos tipos de cerâmicas dos Aratu pelos Tupiguarani (MARTIN, 1998).

As características da cerâmica Aratu são as seguintes: a técnica roletada, sem decoração plástica, com tratamento de superfície alisada ou engobo de grafite e urnas funerárias com enterramentos primários. As aldeias eram circulares, utilizavam o rodízio nas plantações que basicamente eram milho, feijão e amendoim, não tendo o uso exclusivo na mandioca como a Tupiguarani (MARTIN, 2008).

A grande abrangência espacial dessas duas tradições na região Nordeste

(...) permitiu conclusões simplistas e cômodas de se relacionar toda cerâmica pré-histórica com uma ou outra dessas tradições. Hoje essas divisões estão sendo contestadas e admite-se a existência de grupos ceramistas independentes, não filiados a nenhuma dessas duas tradições com cerâmicas locais que devem ser estudadas a partir dos seus atributos técnicos e utilitários, sem filiações apriorísticas (MARTIN, 2008, p. 189).

Há outras culturas cerâmicas no nordeste, que aparecem apenas regionalmente, como as do Maranhão, nas estearias e sambaquis de remota origem amazônica, a Cajari, das estearias, com tempero de conchas moídas onde são comuns pequenos vasos; a Papeba, no rio Grande do Norte, que seria anterior a Tupiguarani; a Cobrobó, em Pernambuco, que tem superfície escovada ou alisada e acanaladas, espatuladas, corrugadas com bordas diretas com total ausência de pintura e são principalmente urnas funerárias com enterramentos secundários.

As pesquisas arqueológicas em Sergipe também se iniciaram na década de 60 com Calderón, que localizou sítios arqueológicos na cidade de Cristinópolis, localizada na divisa entre Sergipe e Bahia, classificando o material cerâmico ali encontrado como pertencente à tradição Aratu.

Na década de 1980 aconteceu o Projeto de Mapeamento dos Sítios Arqueológicos do Estado de Sergipe (PMSAS), desenvolvido pelo Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Durante a execução do

projeto foram obtidas informações sobre a presença de sítios arqueológicos nas cidades de Pacatuba, Japarutuba, Riachuelo, Carmópolis, Santo Amaro das Brotas, Aracaju, Santa Luzia do Itahim, Cristinópolis, Indiaroba e Laranjeiras, sendo classificados como sítios da Tradição Aratu e Tupiguarani (AMÂNCIO, 2001). No entanto, essas pesquisas foram realizadas de maneira assistemática.

Até o momento, aqui no estado de Sergipe, somente na região de Xingó, baixo curso do rio São Francisco, onde foi realizado salvamento arqueológico devido à construção da Usina Hidroelétrica de Xingó, houve uma pesquisa sistemática e intensiva, tendo sido encontrado uma grande quantidade de sítios arqueológicos. Mas o salvamento realizado sofreu muitas críticas

O reconhecimento do esforço na realização dos trabalhos não isenta a formulação de críticas em relação à falta de procedimentos técnicos e metodológicos que deveriam ter sido executados nos trabalhos de campo, de modo a permitirem melhores condições no desenvolvimento da análise dos vestígios arqueológicos em laboratório e, conseqüentemente, a interpretação mais segura dos dados (LUNA, 2006, p.195).

Alguns dos problemas citados pela autora seriam a falta de: relatório de campo detalhado, levantamento fotográfico detalhado, planos topográficos, desenhos dos cortes estratigráficos, além do número reduzido de datações.

Estudos sobre a cerâmica em Xingó mostram que há características técnicas e morfológicas distintas daquelas pertencentes às Fases e Tradições descritas mais acima, e cronologicamente também não se perceberia influência das tradições Aratu e Tupiguarani.

Os vestígios cerâmicos analisados até o momento, em sua maioria fragmentos, apresentam-se com o tratamento de superfície alisada (...). A decoração pintada ocorre em pouquíssimos fragmentos e, quando aparece, evidencia pintura nas cores vermelha e branca (...) O aditivo encontrado nessas cerâmicas compõe-se de areia, areia e mica, além de pequenas quantidades de fragmentos com cacos de cerâmica triturados, bolos de argila e fragmentos sem aditivo (...) O método de manufatura, em sua maior parte, é o acordelado. A cerâmica apresenta, de modo geral, boa queima, ocorrendo, no entanto, exemplares de fragmentos bastante friáveis (CARVALHO, 2003, p.62-63).

As datações obtidas da cerâmica da região de Xingó vão desde 5000 a 4000 anos BP até o período de colonização (OLIVEIRA et al., 2005).

Sobre a região da bacia do Rio Vaza Barris, alvo da nossa pesquisa, havia apenas relatos sobre a descoberta de um sítio arqueológico, denominado Sítio Caju, no município de Itaporanga D'Ajuda, localizado na foz do rio Vaza Barris (AMÂNCIO-MARTINELLI *et al* ,2004).

Quanto à ocupação histórica em Sergipe, Nunes (2006) descreve sobre a primeira expedição exploratória comandada por Gaspar de Lemos, em 1501, que teria visitado o litoral de Sergipe, entre os rios São Francisco e Real, na região do Vaza Barris.

Refere-se ele [Américo Vespúcio, autor da carta] à impossibilidade de desembarque das naus na altura do estuário do São Francisco, encontrando, porém, logo depois, praias “*de fácil desembarque nos batéis, e de ancoradouro suportável*” para os navios dessas frotas do princípio do século XVI, no Cotindiba, no Vasa-Barris, no rio Real, na afirmativa do historiador Cândido Mendes, que conclui: “*Portanto foi no litoral próximo ao atual rio Vasa-Barris que a frota lusitana ancorou, e sem desastre porque era época de inverno, e os ventos que reinavam mostravam-se favoráveis*” (NUNES, 2006, p.17).

Em relação aos dados etno-históricos, podemos observar na Figura 01 os grupos indígenas em Sergipe entre os séculos XVI e XX, mostrando essa lacuna de informações na área que abrange a bacia do Rio Vaza Barris, excetuando-se a área onde ele desemboca no oceano Atlântico, onde é possível perceber a presença dos Tupinambá.



Figura 01 - Grupos indígenas em Sergipe entre os séculos XVI e XX, modificado de Dantas 1991 (AMÂNCIO, 2001).

2. LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO NA BACIA DO RIO VAZA BARRIS, NO ESTADO DE SERGIPE

O estado de Sergipe, localizado na região Nordeste do Brasil, possui oito bacias hidrográficas, sendo elas do Rio São Francisco, Rio Sergipe, Rio Japarutuba, Rio Vaza Barris, Rio Piauí, Rio Real, Grupo de bacias Costeiras 1 (GC1) e Grupo de bacias Costeiras 2 (GC2) (SEMARH, 2012).

Podemos observar na figura abaixo que o acesso do sertão para o litoral (e vice-versa), pode ser realizado pela água, demonstrando o potencial favorável para que populações pré-históricas, posteriormente coloniais, tenham habitado e se locomovido pela região.



FIGURA 02 – Bacias Hidrográficas do Estado de Sergipe. Fonte: Site da Secretária de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos www.semarh.se.gov.br

Uma vez que ainda se sabe muito pouco sobre a pré-história da região, novas pesquisas estão sendo realizadas por arqueólogos da Universidade Federal de Sergipe, sendo que uma delas é desenvolvida na Bacia do Rio Vaza Barris, denominada de “Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris” e coordenada pelo Dr. Paulo Jobim de Campos Mello.

O referido projeto tem como objetivo compreender e caracterizar os sistemas de assentamentos dos grupos pré-históricos que habitavam a bacia hidrográfica do rio Vaza-Barris, abrangendo parte dos municípios de Carira, Frei Paulo, Pedra Mole, Pinhão, Areia Branca, Campo do Brito, Itabaiana, Macambira, São Domingos, Simão Dias e Itaporanga D'ajuda (MELLO, 2009).

O rio Vaza Barris nasce na Serra da Canabrava, no município de Uauá, na Bahia, e penetra no Estado de Sergipe em direção ao litoral, desaguardo no Oceano Atlântico, seu comprimento total é de 3.300 km, sendo que apenas 152 km estão no Estado de Sergipe, cobrindo uma área de 2.559 km² de Sergipe, abrangendo as três meso regiões existente no estado: litoral, agreste e semi-árido (MELLO, 2009).

Dentre as pesquisas realizadas em Sergipe, na região da bacia do Rio Vaza Barris, havia apenas informação de um único sítio, cerâmico, da tradição Aratu, localizado no município de Frei Paulo (CARVALHO, 2003) além de peças isoladas no município de São Cristovão (informação verbal de Dra. Suely G. Amâncio Martinelli).

Para alcançar os objetivos propostos seguiu-se a metodologia estabelecida no projeto tanto para prospecção como para a escavação e posteriormente para a análise do material. O levantamento da área foi feito tanto no modo sistemático como no assistemático. Mello (2009) define os mesmos como:

- Levantamento assistemático consiste em informações dos moradores da região, através de entrevistas, produzindo um grande número de dados de possíveis sítios.
- Levantamento sistemático consiste em caminhar pelo método de *transects* pelas áreas delimitadas no projeto, cobrindo igualmente os diversos estratos paisagísticos, realizando intervenções no subsolo a distâncias regulares.

2.1 Sítios encontrados e resultados

Foram encontrados trinta e três sítios arqueológicos na região do rio Vaza Barris, sendo três em Campo do Brito, um em Carira, um em Pedra Mole, sete em Frei Paulo, sete em Itabaiana, dois em Macambira, nove em São Cristovão e três em Areia Branca.

Dos sítios encontrados quatorze são sítios com material cerâmico, quinze são sítios com material lítico, três lítico-cerâmicos e um sítio com material histórico, conforme pode ser visto no quadro abaixo:

	Coordenadas	Material	Município
1	669521 / 8802336	lítico	Itabaiana
2	672761 / 8801211	cerâmica	Itabaiana
3	689653 / 8784254	lítico	São Cristóvão
4	658686 / 8809188	cerâmica	Campo de Brito
5	687559 / 8781674	cerâmica	São Cristóvão
6	669541 / 8801850	lítico	Itabaiana
7	669194 / 8800316	historico	Campo de Brito
8	690975 / 8783007	lítico	São Cristóvão
9	690998 / 8782793	lítico	São Cristóvão
10	655932 / 8827685	cerâmica	Frei Paulo
12	672729 / 8801255	lítico	Itabaiana
13	655207 / 8812041	lítico	Campo de Brito
14	654826 / 8817929	lítico	Frei Paulo
15	656740 / 8827927	lítico	Frei Paulo
17	689703 / 8784029	lítico	São Cristóvão
18	664486 / 8830442	cerâmica	Frei Paulo
19	690335 / 8785200	lítico	São Cristóvão
20	646005 / 8829466	cerâmica	Frei Paulo
21	642898 / 8829768	cerâmica e lítico	Pedra Mole
22	647594 / 8828790	cerâmica	Frei Paulo
24	689622 / 8783200	cerâmica e lítico	São Cristóvão
25	689644 / 8783669	cerâmica e lítico	São Cristóvão
30	661358 / 8821921	cerâmica	Itabaiana
31	660723 / 8822150	lítico	Macambira
32	660388 / 8822036	lítico	Macambira
33	661371 / 8822063	cerâmica	Itabaiana
33	677661 / 8801955	cerâmica	Areia Branca
34	662378 / 8822185	lítico	Itabaiana
35	700450 / 8782174	cerâmica	São Cristóvão
40	664866 / 8829296	cerâmica	Frei Paulo
42	657456 / 8834362	lítico	Carira
43	683501 / 8802374	cerâmica	Areia Branca
44	680352 / 8803409	cerâmica	Areia Branca

Quadro 01 – Lista de sítios localizados (MELLO, 2012)

Nos sítios foram realizadas coletas de superfície dos materiais arqueológicos para amostra, e posterior análise do potencial arqueológico do mesmo. Além disso,

alguns sítios sofreram um trabalho um pouco mais intenso, com a realização de escavação de superfícies amplas (caso do sítio 8 da lista na folha anterior), ou de sondagens, como o sítio Quatro Amores, alvo de nossa pesquisa, e que será mostrado a seguir.

3. SÍTIO QUATRO AMORES

O Sítio Quatro Amores está localizado no povoado Caroba, município de Areia Branca, que fica à 36 km de Aracaju, capital do estado de Sergipe. O município de Areia Branca, situada ao pé da Serra de Itabaiana e abrangido pelas bacias hidrográficas do rio Sergipe e do rio Vaza-Barris, está entre os municípios mais novos do estado, elevado à categoria de município apenas em 1963, quando foi desmembrado de Riachuelo, Laranjeiras e Itabaiana (IBGE, 2012).

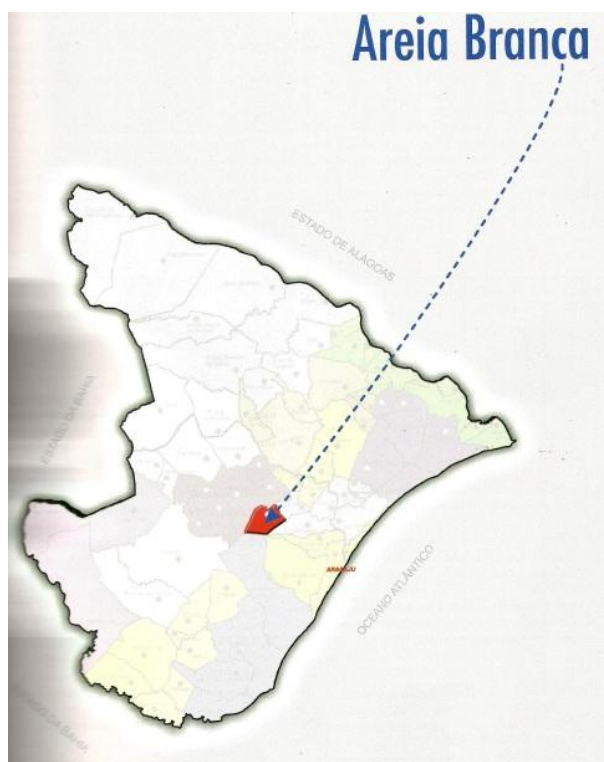


Figura 03- Localização de Areia Branca no estado de Sergipe (MENDONÇA & SILVA, 2009)

3.1 Contexto Ambiental da área do sítio

O município de Areia Branca está situada na Meso região do Agreste Sergipano e Micro Região do Agreste de Itabaiana, tendo como clima semi-árido.

A região do município de Areia Branca é predominante voltada para a agropecuária e agricultura, sendo a vegetação atual plantações de milho, cana de açúcar e mandioca, em algumas áreas preservadas é possível observar uma vegetação com

características do litoral e do sertão, como caatinga, capoeira, assim como áreas de Mata Atlântica preservadas devido a Serra de Itabaiana.

O sítio está localizado nas coordenadas UTM 24L 677661 / 8801955 (SAD 69) (ver figura 04), em uma área relativamente plana e no meio de uma plantação de milho (ver figura 05), que já foi trabalhada diversas vezes, com solo areno-argiloso. Na direção Nordeste do sítio, acerca de duzentos metros de distância, há a nascente de um minadouro temporário, e na direção Noroeste, acerca de trezentos metros, há um riacho, demonstrando o potencial da região para a habitação de populações humanas.

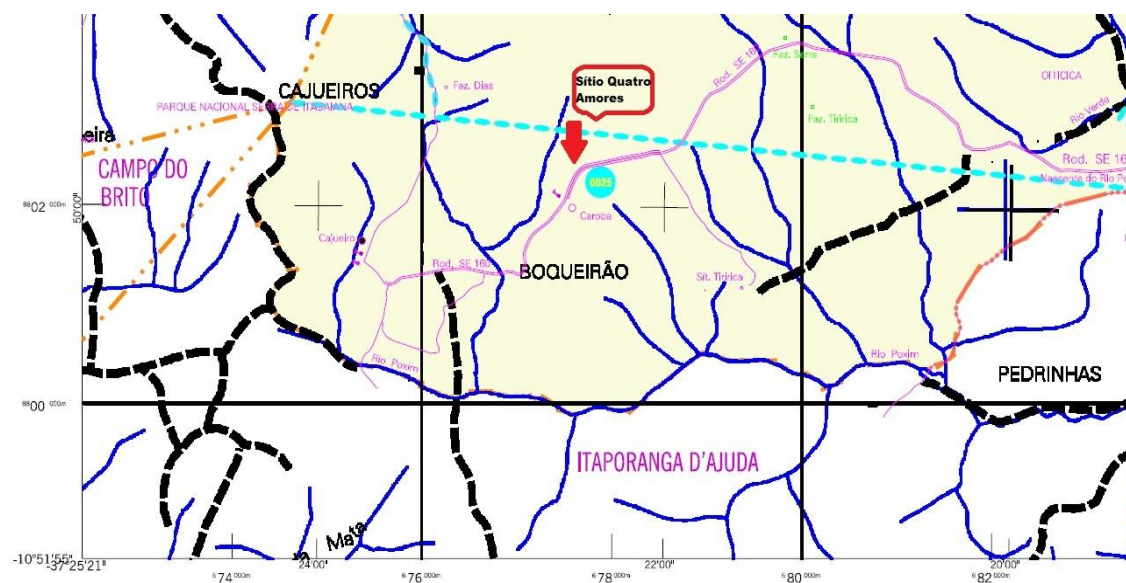


Figura 04- Localização do Sítio Quatro Amores. Fonte: IBGE, modificado de Mapa Estatístico de Areia Branca – SE



Figura 05- Vista Norte do Sítio Quatro Amores. Foto: Aline Rios

3.2 Escavação

O sítio foi encontrado no dia dezessete de junho de 2011, sendo coletados três fragmentos de cerâmica.

O trabalho no Sítio Quatro Amores foi realizado em duas etapas, a primeira realizada no dia trinta e um de março e a segunda no dia dezesseis de junho do presente ano.

Durante a primeira etapa a equipe, composta pelo Prof. Dr. Paulo Jobim de Campos Mello, pelos discentes Ana Cláudia Jucá e Pedro Leonardo D'Tito e por dois trabalhadores da fazenda, realizou-se o reconhecimento da área do sítio através do caminhar, coletando o material arqueológico encontrado em superfície, foram encontrados dezenove fragmentos de cerâmicos e oito de louça. Após a coleta superficial, foram escolhidas duas áreas para realizar a escavação de sondagens de 1m² (1m x 1m), sendo nomeadas de Sondagem A e Sondagem B.

A técnica utilizada para a escavação foi de níveis artificiais de dez centímetros, sendo que o sedimento retirado foi peneirado, para coletar os vestígios pequenos que não foram identificados durante a escavação. O material arqueológico encontrado foi devidamente registrado com etiquetas e sacos plásticos distintos de acordo com sua subárea e nível.

Na escavação da Sondagem A não houve incidência de material arqueológico, ou seja, estéril, sendo escavada até trinta centímetros.



Figura 06 - Escavação da Sondagem A, nível 0-10 cm. Foto: Ana Cláudia Jucá

A escavação da Sondagem B, que fica a dezessete metros na direção Norte da Sondagem A, foi iniciada com a limpeza superficial da vegetação e a coleta de fragmentos, sendo coletados seis fragmentos de cerâmica e dois de louça.

Devido ao sedimento ser arenoso, houve o cuidado para o perfil da sondagem não desmoronar, podendo dificultar sua leitura (ver figura 07).

No nível 0-10 cm foram coletados vinte e três fragmentos de cerâmica, três de louça, um de vidro e um seixo.



Figura 07- Escavação da Sondagem B, nível 10-20 cm. Foto: Ana Cláudia Jucá

No nível 10-20 cm foram encontrados um fragmento de cerâmica e um de louça. Já no nível 20-30 cm foram coletados cinco fragmentos de cerâmica

Os níveis 30-40 e 40-50 cm foram estéreis e a sondagem foi finalizada (ver figura 08).



Figura 08- Finalização da escavação da Sondagem B, nível 0-50 cm. Foto: Ana Cláudia Jucá

Com o intuito de observar a dimensão do sítio, foram realizadas diversas pequenas sondagens, de 20x20 cm, nas direções Norte-Sul e Leste-Oeste, a partir da sondagem B, a cada quinze metros, sendo nomeadas com a distância e direção, exemplo 15L, 45S e 30 N.

Na direção Leste foram realizadas quatro sondagens, na direção Oeste foram realizadas três sondagens, na direção Sul foram realizadas quatro sondagens, e na direção Norte foram realizadas seis sondagens. Apenas houve incidência de material arqueológico nas sondagens 15N e 30 N, sendo coletado um fragmento de cerâmica em cada.

Na segunda etapa, a equipe composta pelo Prof. Dr. Paulo Jobim de Campos Mello e pelos discentes Aline Rios, Ana Cláudia Jucá e Fábio Teles, realizou uma nova coleta de superfície, sendo coletados onze fragmentos de cerâmica e seis de louça.

Foi escavada uma trincheira de 50 cm x 2 m, denominada de Trincheira C, distante dois metros da Sondagem B, na direção Oeste (ver apêndice A), com os mesmos métodos descritos para as sondagens da primeira etapa.

No nível 0-10 cm foram coletados três fragmentos de cerâmica.



Figura 09 - Trincheira nível 0-10 cm. Foto: Aline Rios

No nível 10-20 cm foram coletado seis fragmentos de cerâmica.



Figura 10 - Escavação trincheira nível 10-20 cm. Foto: Aline Rios



Figura 11- Detalhe cerâmica evidenciada, nível 10-20 cm. Foto: Aline Rios

Como o nível 20-30 cm se manteve estéril, optamos pelo encerramento da trincheira:

4. ANÁLISE DO MATERIAL

4.1 Metodologia

Dos materiais coletados, foram coletados principalmente a cerâmica e a louça, que foram analisados seguindo-se a metodologia explicada a seguir:

4.1.1 Louça

A análise da louça teve como base o Manual de Estudos de Materiais Históricos: volume I Cerâmica, da Prof. Dra. Márcia B. da C. Guimarães (2012), resultando em uma tabela de análise com os seguintes campos: número da peça, procedência, localização espacial, localização estratigráfica, data da coleta, comprimento, largura, espessura, diâmetro/altura, fração da peça, forma, segmento da peça, classificação, técnica de fabricação, queima, granulometria, tratamento de superfície, superfície modificada, decoração pintada, motivo decorativo, cor dos motivos, uso, função e observações (ver apêndice B).

A fração da peça foi dividida em Inteira, Fragmentada (aquela porção que permite inferir a forma da peça) e Fragmento (aquela porção que não permite inferir a forma da peça), sendo analisados apenas peças fragmentadas e fragmentos.

Para identificar a forma da peça foi utilizado o gabarito de formas a seguir:

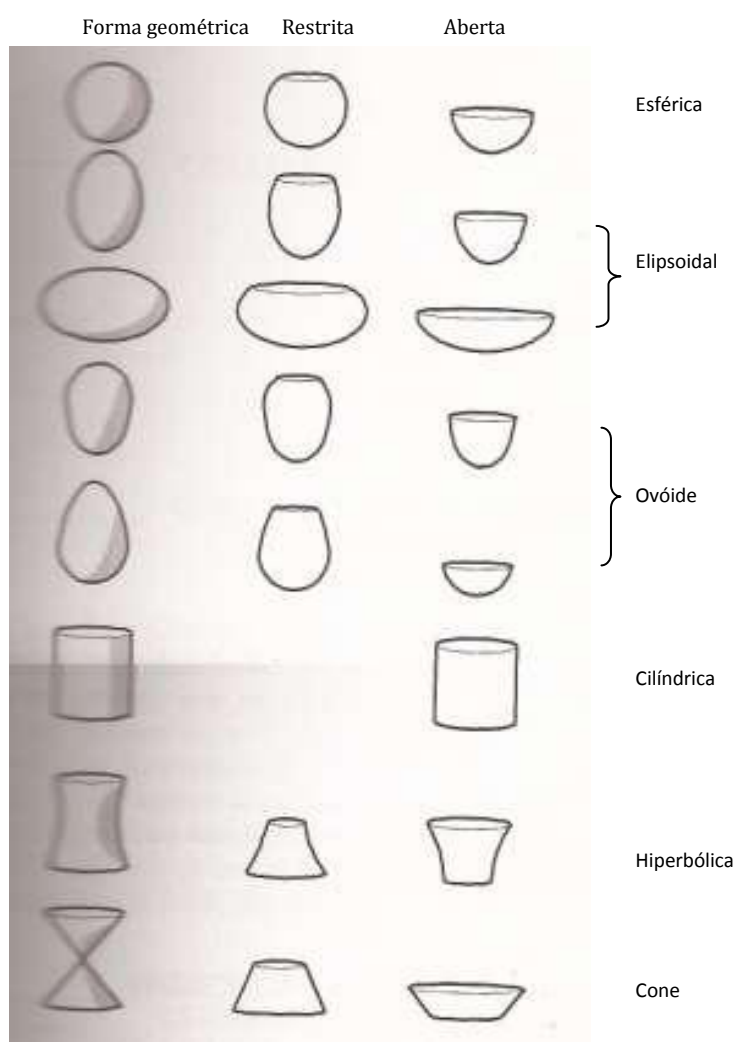


Figura 12 – Gabarito de Formas (SHEPARD, 1985, s/p).

Na identificação do segmento da peça a louça foi dividida entre base (plana, côncava e convexa), parede/corpo, borda (direta, inclinada, com reforço extremo, extrovertida, introvertida, etc.) e apêndice (asa, puxador, alça).

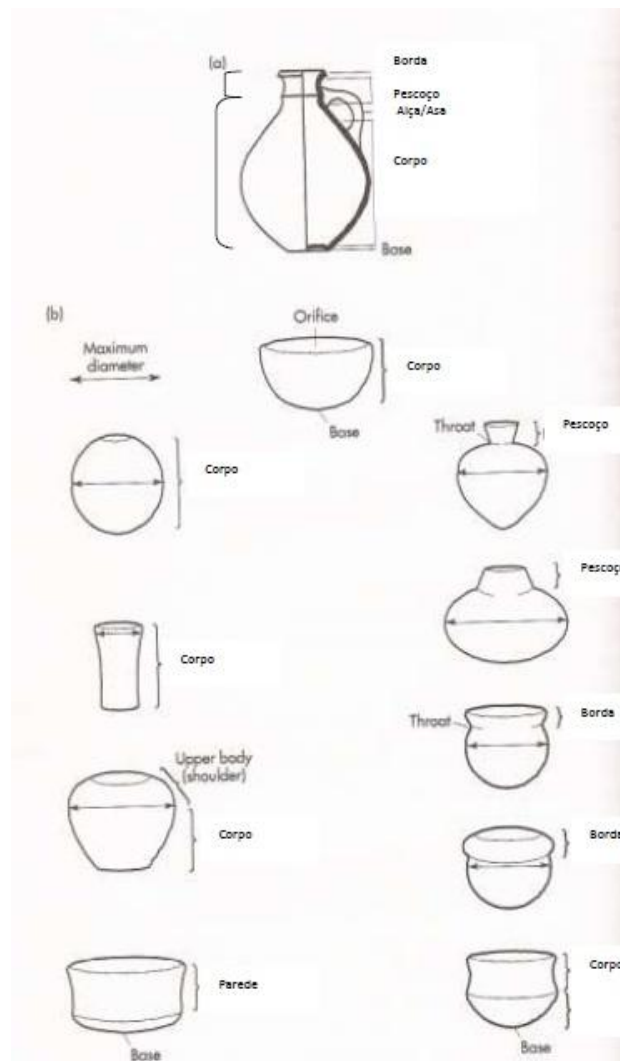


Figura 13 - Gabarito de Segmento (GUIMARÃES, 2012, p.12).

As categorias utilizadas na classificação foram: terracota (earware ou cerâmica), grés comum ou stoneware (pó de pedra), ironstone, faiança fina e porcelana.

Terracota: alta porosidade, grau de queima entre 900-1.200° C, característica porosa e grosseira, não vitrificada. **Grés comum:** coloração cinza, bege e/ou marrom, granulação fina, impermeável, esmalte fundido à pasta. Queima em temperaturas entre 1200-1350° C, resistente, muito compactada (mas não vítrea), não porosa (impermeável), usualmente na cor cinza, raramente em creme ou branco. **Ironstone** – coloração branca, sem lustro, sem porosidade, som vítreo, esmalte fundido à pasta. **Faiança fina:** Porosidade menor que 1%, queima entre 1.100-1200°C, vitrificada, resistente e compacta. **Porcelana:** Porosidade menor que 1%, queima entre 1300-1450°C, muito resistente, fina, branca, translúcida, som vítreo, sem esmalte (GUIMARÃES, 2012, p.13).

As técnicas de fabricação podem ser categorizadas como: roletada, modelada, torneada e moldada. Para a queima há as categorias redutora (completa) e oxidante (incompleta).

A granulometria do tempero foi identificada de acordo com o gabarito de granulometria.

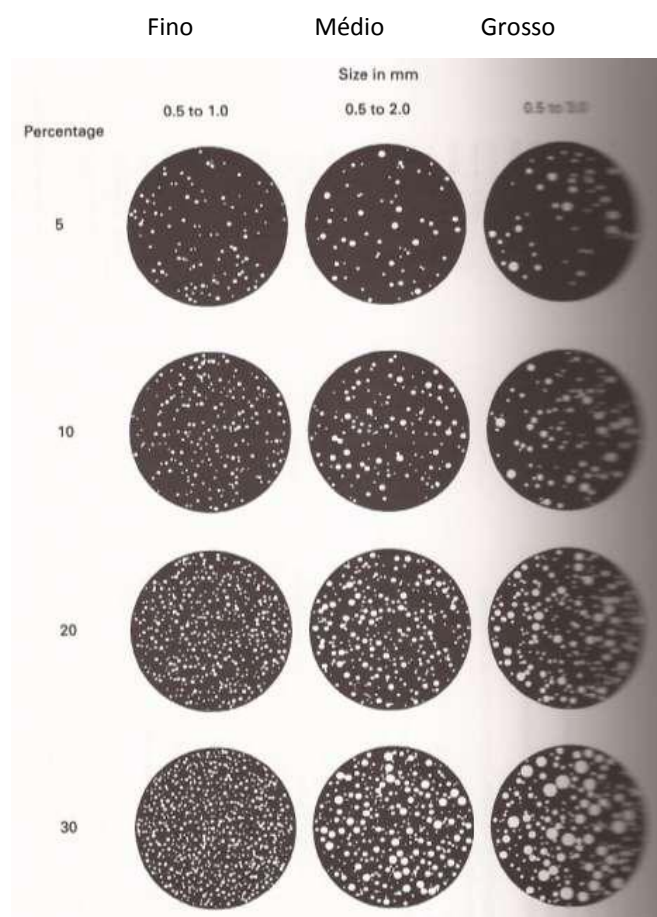


Figura 14 - Gabarito de Granulometria (ORTON et al., 1997, p.267).

O tratamento de superfície pode ser esmalte fino, banho, vidrada, vidrada com chumbo, vidrada com sal, vidrada com feldspato.

Podemos encontrar decoração de superfície modificada, dentre os fragmentos analisados encontramos Shell Edged (cabelinho) com relevo, Borda real (Royal Rim) e Dipped frisos ondulados.

A decoração pintada pode ser pintada à mão (mão livre, banhada, carimbada, spatter, sponge, pintada em faixas e/ou frisos), impressão (transfer printing), pintura em relevo e borrão (técnica que usava a adição de lima ou cloreto de amônia no forno onde

os vapores destas substâncias químicas reagem com a cor e causavam escorrimento da tinta) sendo os motivos floral (peasant ou sprig style), Shell Edged sem relevo, frisos individuais ou múltiplos (paralelos a borda), faixa ou friso intercalados, linhas e pontos (GUIMARÃES, 2012).

O uso das vasilhas pode ser para armazenar e estocar, preparar, consumir, descartar, multiuso e decorar, tendo como função

Peça utilitária: prato, tigela, travessa, alguidar, panela, porrão, moringa, jarro, malga, bacia, pires, caneca, cremeira, leiteira, bule, xícara, açucareiro, pote, manteigueira, covilhetes, saleiro e molheira). Peça produtiva/transporte: forma de pão de açúcar, assadeira peroleira. Peças decorativas: vaso, fruteira, floreiro, bibelô, petisqueira. Peça higiênica: urinol. Peça multifuncionais: talha (GUIMARÃES, 2012, p. 44).

4.1.2 Cerâmica

Orton et al (1997) descrevem o processo de fabricação da cerâmica como sendo dividido em sete fases, sendo elas: a obtenção da matéria-prima, preparação da matéria-prima, modelagem da vasilha, tratamentos anteriores ao cozimento, secagem, cozimento e tratamentos posteriores ao cozimento.

A análise dos fragmentos cerâmicos encontrados no sítio Quatro Amores foi realizada com o intuito de identificar as técnicas utilizadas na confecção e no acabamento dos vasos, assim foram analisados o antiplástico, a queima, a decoração, os tipos de base, de borda e de lábio, as marcas de uso e a reconstituição das formas a partir das bordas, para tentar a identificação da possível função e utilização dos vasilhames.

(...) estudamos os vestígios cerâmicos com a finalidade de se obter um perfil técnico, caracterizando através da identificação dos elementos constituintes do processo técnico utilizado para a elaboração dos objetos cerâmicos, objetivando a sua reconstituição bem como a sua função. Parte-se do princípio que a cerâmica é um subsistema técnico que está relacionado ao sistema tecnológico do grupo, que pode caracterizar, num determinado momento, aspectos da sociedade que se integram e se explicam num conjunto maior (LUNA, 2006, p. 173-174).

Assim, Luna (2006) considera a cerâmica como um subsistema do sistema tecnológico que fornece dados do grupo étnico como: formas de produção e reprodução dos bens materiais, podendo estudá-la de forma isolada ou inserindo-a em um contexto maior do sistema cultural, pelas várias formas de relação com outros componentes.

A análise do material cerâmico teve como base um Roteiro de Análise (ver anexo B) resultando em uma tabela com os seguintes campos: número da peça, sondagem, nível; classe; antiplástico; espessura dos grãos do antiplástico; morfologia dos grãos do antiplástico; queima; tratamento de superfície interna; tratamento de superfície externa; engobo; decoração; espessura do fragmento; técnica de manufatura; e marcas de uso (ver apêndice C).

O antiplástico, também denominado como tempero, é a matéria adicionada a argila com o intuito de neutralizar a sua plasticidade, obtendo condições técnicas propícias à uma boa secagem e queima, podem ser de origem orgânica, como as fibras vegetais, conchas, ossos moídos e cariapé, ou inorgânicas, como minerais, areia, rochas e cacos triturados (CHMYZ, 1976). Denise Gomes disserta sobre o termo antiplástico de acordo com as definições encontradas por Chmyz (1976), Shepard (1985) e Rye (1981).

Antiplástico, de caráter mais amplo, aparece na literatura, segundo os referidos autores, como sendo relativo a várias classes de materiais não plásticos encontrados na argila, cuja função é impedir o encolhimento excessivo da cerâmica durante os processos de secagem e de queima, reduzindo o risco de rachaduras (GOMES, D. M. C., 2002, p. 76).

A morfologia dos grãos do antiplástico foi qualificada entre arredondado-angular, quando há mais grãos arredondados do que angulares, e angular-arredondado, quando há mais grãos angulares do que arredondados. Sua espessura foi medida com paquímetro, tomando como base os tamanhos: fino, médio, grosso e muito grosso.

Grão	Espessura
Fino	0,1 a 1 mm
Médio	1,1 a 3 mm
Grosso	3,1 a 5 mm
Muito Grosso	> 5 mm








Quadro 02: Espessura dos grãos do antiplástico

Os tipos de queima podem variar de acordo com a composição da pasta, realizada em forno ou fogueira, duração do cozimento, temperatura e ventilação (ORTON et al, 1997) resultando em uma queima redutora ou oxidante, sendo redutora quando a queima apresenta uma pasta com coloração mais escura, e oxidante quando a queima foi realizada em ambiente com presença de oxigênio e a pasta tem coloração mais clara ou avermelhada.

A queima é definida por Chmyz (1976) como

Processo físico-químico que consiste em transformar a pasta em cerâmica, por meio de elevação de temperatura, durante o qual a maior ou menor presença de oxigênio determina a oxidação ou redução, evidenciada pela textura e cor da cerâmica (CHMYZ, 1976, p.140).

Para a definição dos tipos de queima foram escolhidas as variações de cor do amarelo ao vermelho (oxidação completa); cinza pardo (oxidação completa); superfície oxidada com núcleo; oxidação interna com redutor externo; oxidação externa com redutor interno; queima redutora; e superfícies redutoras e núcleo oxidante.

Amarelo ao vermelho = oxidação completa 	Cinza pardo = oxidação completa 
Superfície oxidada com núcleo 	Oxidação interna com redutor externo 
Oxidação externa com redutor interno 	Queima redutora 
Superfícies redutoras e núcleo oxidante 	

Quadro 03: Tipos de Queima.

As categorias de tratamento de superfície interno e externo observados foram: alisado (processo de nivelção da superfície), polido (técnica de complementação do alisado para tornar impermeável e lustrosa a superfície) e erodido (corroída ou carcomida por agentes naturais) (CHMYZ, 1976).

A decoração plástica, técnica de decoração que implica em modificações da superfície (CHMYZ, 1976), pode ser encontrada em alguns vasilhames e fragmentos de cerâmica, sendo algumas delas entalhado, incisa, pontado, ungulado, escovado e corrugado.

A técnica utilizada na confecção da cerâmica identificada foi a roletada, que consiste na superposição de roletes da pasta, sendo difícil a observação devido ao fato dos fragmentos, em sua maioria, serem pequenos.

Concomitantemente a análise tecnológica dos fragmentos, os mesmos foram divididos de acordo com seu segmento, sendo eles parede, borda, base, apêndice. As bordas foram analisadas quanto à sua inclinação, forma, espessura, tipo de lábio,

diâmetro e a reconstituição gráfica da forma do vasilhame original. O ângulo da inclinação da borda é verificado de acordo com sua orientação.

Esta [inclinação] mede-se de uma forma simples, com a colocação do bordo numa face plana, de forma a que toda a superfície do bordo esteja em contato com o plano, mostrando o bordo, nesse momento, uma determinada inclinação – quando o ângulo entre o exterior do recipiente e a superfície plana é inferior a 90°, reflecte a presença de uma forma fechada; se o ângulo é superior aos 90° o recipiente é cilíndrico como um copo (BICHO, 2006, p.450).

Para a reconstituição do vasilhame foi analisado o diâmetro máximo da peça de acordo com as orientações de Shepard (1985), ou seja, quando o diâmetro máximo aparece na boca do vaso é denominado de *aberto* e se estiver no corpo do vaso é denominado de *fechado*.

4.2 Resultados e discussões

4.2.1 Louça

Foram coletados vinte fragmentos de louça, sendo quatorze deles encontrados na superfície, espalhados pelo sítio, e seis fragmentos na Sondagem B, como mostra o gráfico a seguir.

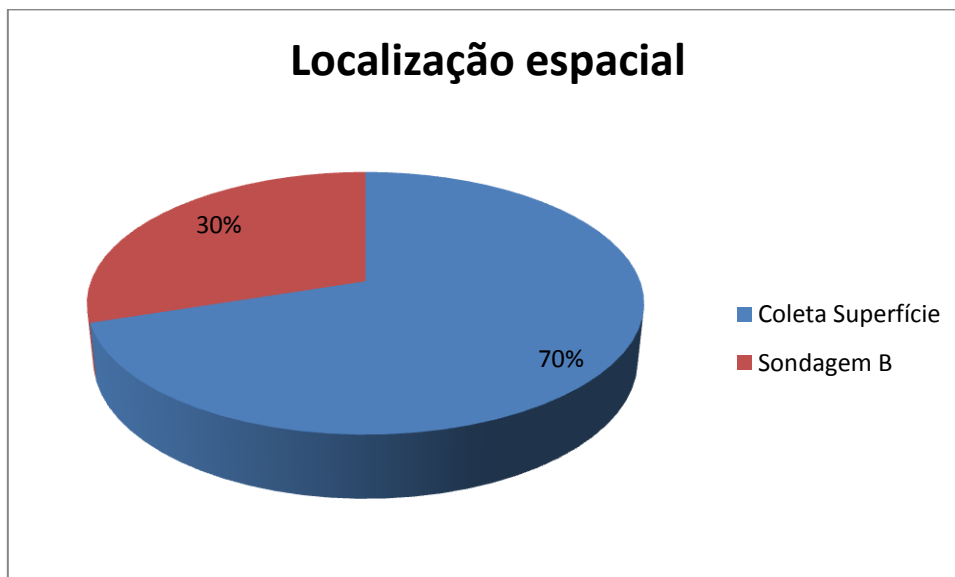


Gráfico 01- Localização Espacial dos fragmentos de louça.

Dentre o material coletado, dez fragmentos eram bordas, seis parede, três bases e um apêndice (ver apêndice E).

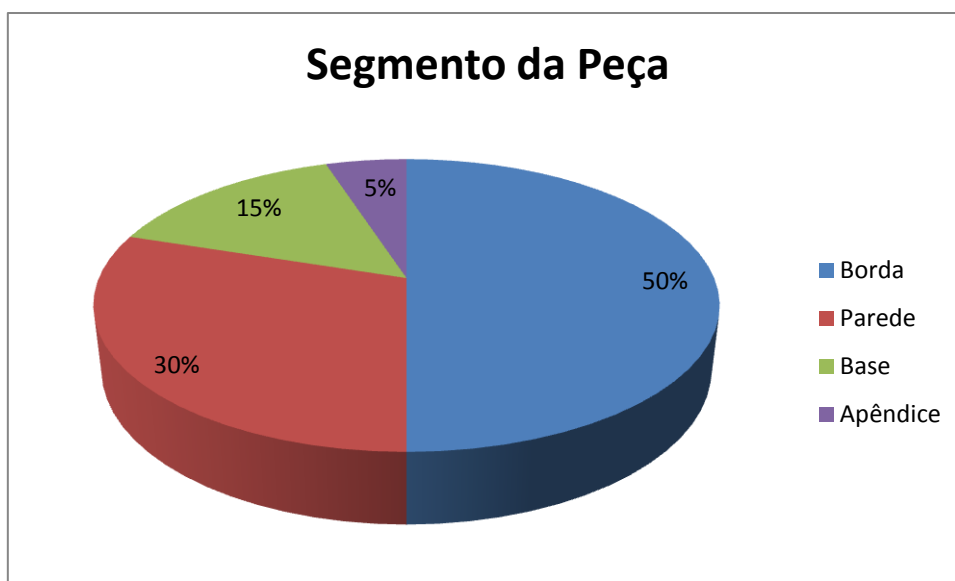


Gráfico 02 - Segmento dos fragmentos de louça coletados.

Quanto à fração dos fragmentos, apareceram os seguintes tipos: treze Peças Fragmentadas e sete Fragmentos.

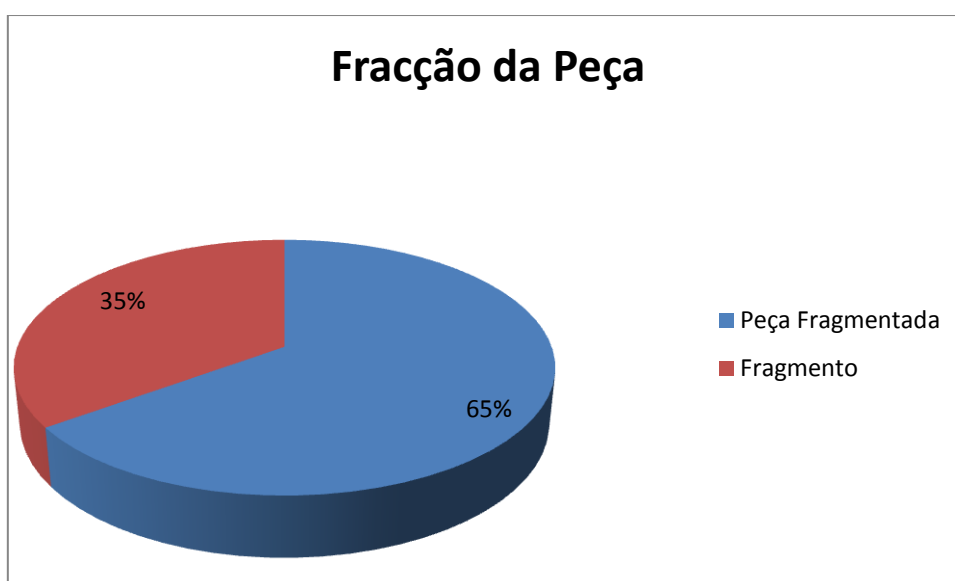


Gráfico 03 - Fracção da Peça dos fragmentos de louça coletados.

Dos fragmentos de louça analisados e classificados como Peça Fragmentada, pode-se identificar sua forma, exceto de um fragmento, sendo onze com forma esférica e uma alça.

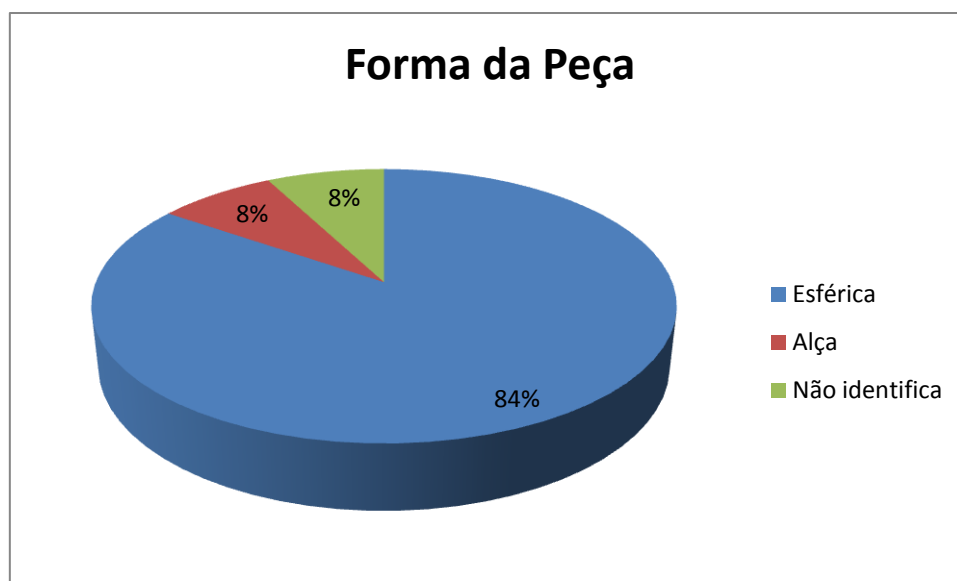


Gráfico 04 - Forma da Peça dos fragmentos de louça coletados.

A espessura dos fragmentos de louça variou entre 0,3 cm e 0,7 cm, sendo quatro com 0,3 cm, oito com 0,4 cm, cinco com 0,5 cm, um com 0,6 cm e dois com 0,7 cm.

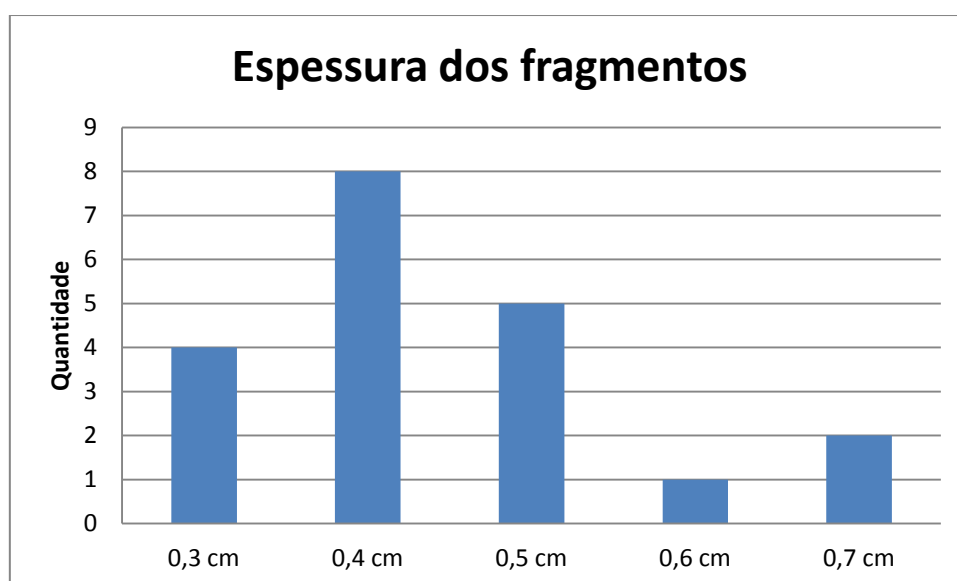


Gráfico 05 - Espessura dos fragmentos de louça coletados.

Todos os fragmentos analisados foram identificados como Faiança Fina, tendo sua técnica de fabricação moldada, sua queima redutora com granulometria de grãos finos e o tratamento de superfície foi realizado com esmalte.

A Faiança fina teve sua origem na Inglaterra em torno de 1740. Segundo Brancante (1958, apud TOCCHETTO et al. 2001), a faiança fina “representa o esforço

dos oleiros ingleses na busca de novos processos para substituir a faiança clássica e alcançar a porcelana no Ocidente”.

A Faiança fina foi a classe de louça doméstica mais popular no Brasil oitocentista, devido a variedade de padrões decorativos e ao preço acessível dominou rapidamente o mercado (LIMA et al., 1989, apud TOCCHETTO et al. 2001).

Dos fragmentos analisados três tem sua superfície modificada, sendo um Shell Edged (cabelinho) com relevo, um Borda Real (Royal Rim) borda ondulada e um com Relevo em faixas sem cor.

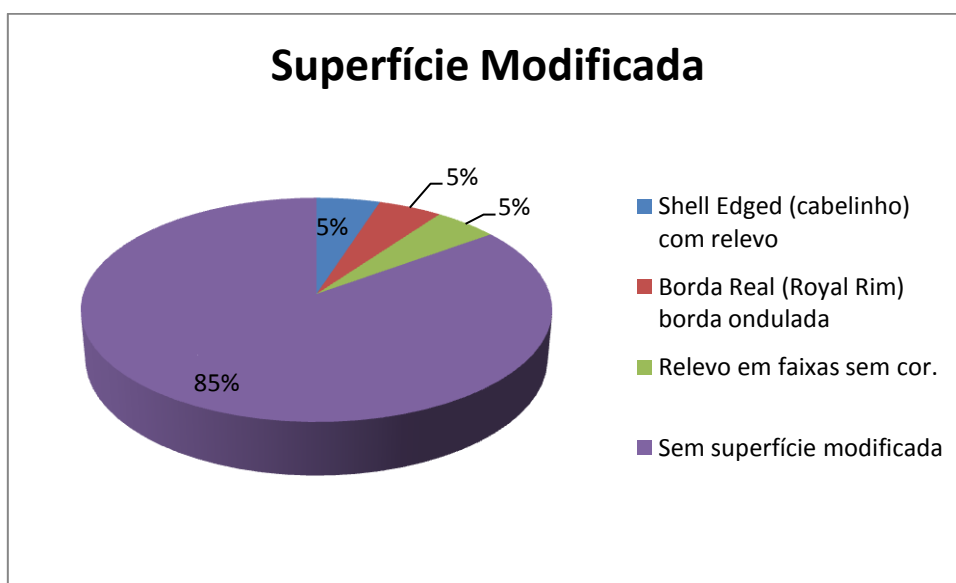


Gráfico 06 - Fragmentos que apresentam Superfície Modificada.

Dos vinte fragmentos analisados quinze tem decoração pintada, sendo dez pintada a mão, dois borrão, dois pintada a mão e carimbada e um pintada a mão em faixas e frisos (ver apêndice E).

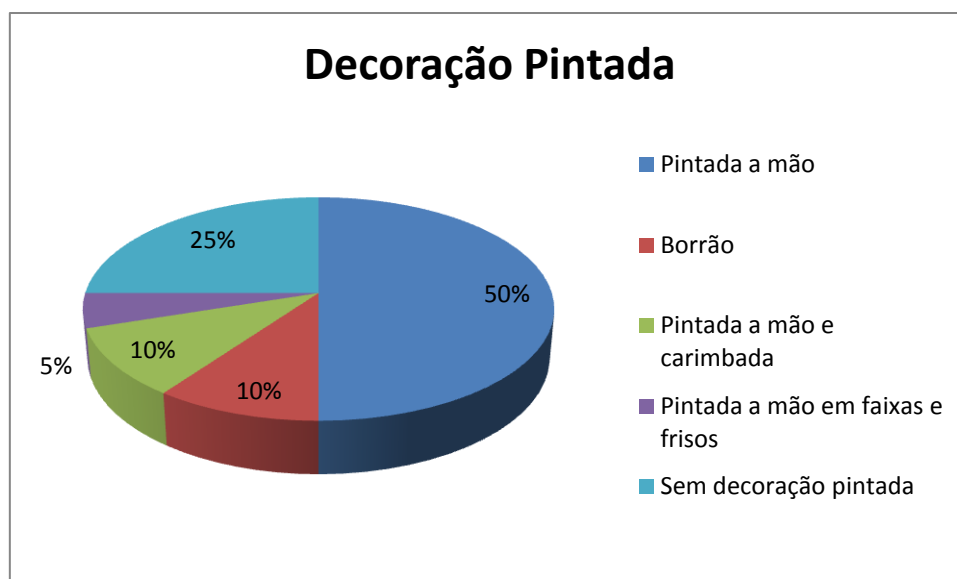


Gráfico 07 - Fragmentos de louça coletados com Decoração Pintada.

Dentre os quinze fragmentos analisados e com decoração pintada foram identificados os seguintes motivos: um Shell Edged (cabelinho), sete Floral, cinco Linear (faixas e frisos ou friso paralelo a borda) e um Linhas e Pontos.

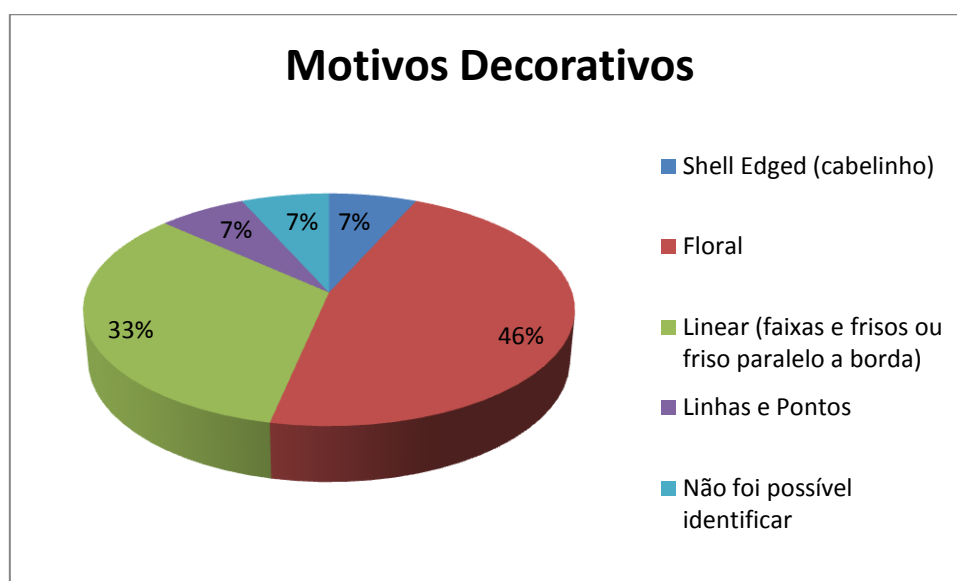


Gráfico 08 - Motivos decorativos dos fragmentos de louça coletados e com Decoração Pintada.

Tendo como base o Catálogo de Louça apresentado por Tocchetto et al (2001) podemos datar os motivos e técnicas decorativas da seguinte forma:

- Pintada à mão com motivo Floral: 1810 a 1860;
- Carimbada com motivo Floral: 1845 ao início do século XX;
- Linear: final do século XVIII ao início do século XX;

- Borrão: 1825 a 1867;
- Pintado à mão com motivo Shell Edged e superfície modificada: 1780 à década de cinquenta do século XIX.

As cores utilizadas na decoração pintada foram azul, verde, vinho e amarelo, sendo distribuídas da seguinte forma: cinco azul, dois azul e verde, dois verde, três verde e vinho, um vinho, um azul e vinho e um policromático.

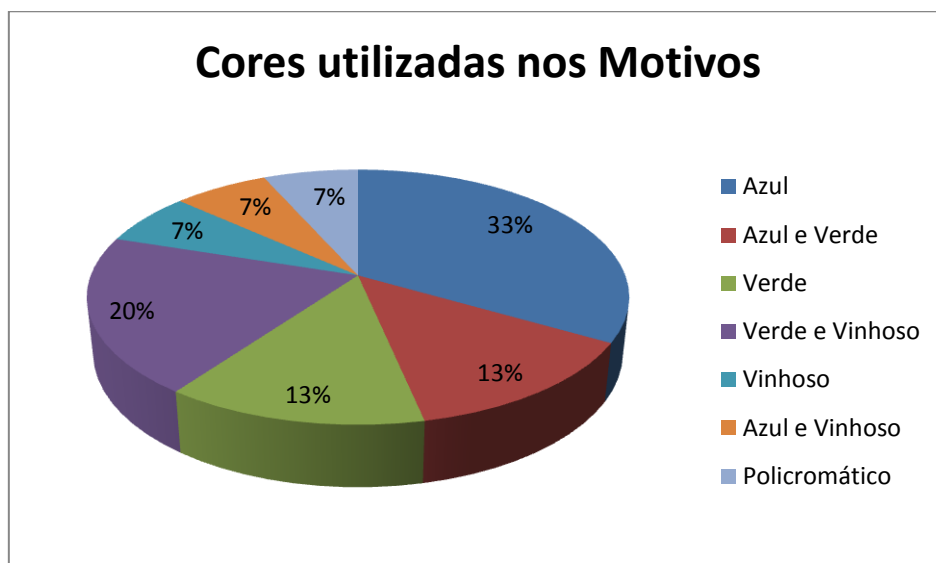


Gráfico 09 - Cores utilizadas nos Motivos decorativos dos fragmentos de louça coletados.

Dentre os fragmentos analisados foi possível identificar o uso e função de seis deles, sendo todos classificados na categoria de “uso para consumir”, tendo como função “peça utilitária”, sendo três xícaras, um prato, uma tigela e um prato/travessa.

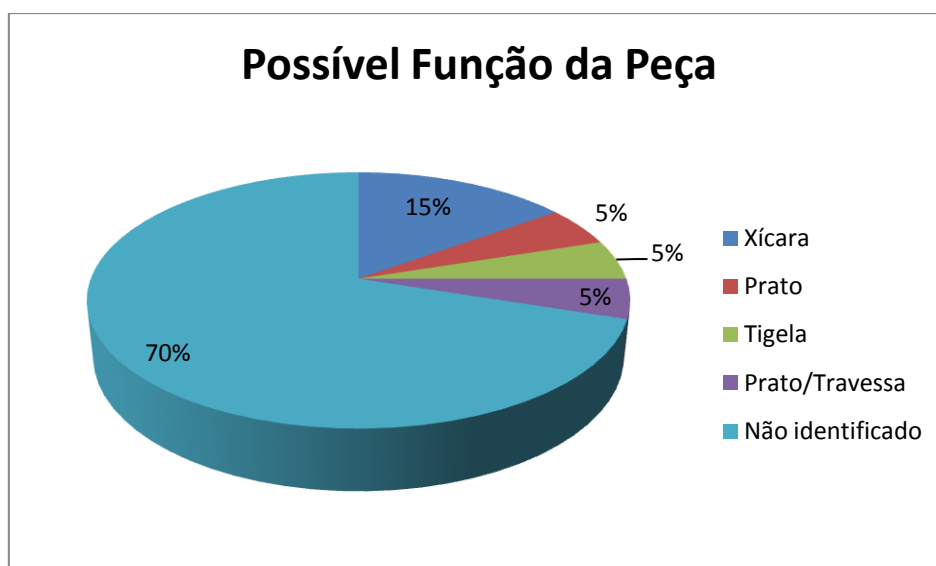


Gráfico 10 - Possível Função da Peça dos fragmentos de louça coletados.

4.2.2 Cerâmica

Foram coletados oitenta fragmentos de cerâmica, dois deles descartados por serem material construtivo recente. Assim, foram analisados setenta e oito fragmentos.

Dentre os fragmentos coletados e analisados trinta e um foram de coleta de superfície, trinta e seis coletados na sondagem B, nove na Trincheira C, um na Sondagem 15N e um na Sondagem 30N.

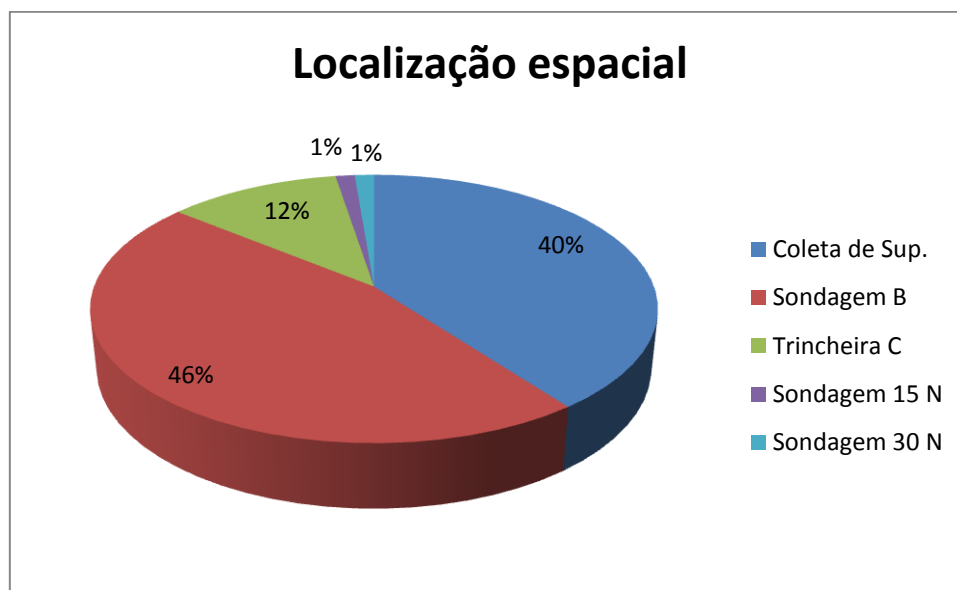


Gráfico 11 - Localização Espacial dos fragmentos de cerâmica.

Os fragmentos analisados da Sondagem B, foram coletados em profundidades de 0-30 cm, sendo distribuídos da seguinte forma: sete na coleta superficial, vinte e três no nível 0-10 cm, um no nível 10-20 cm e cinco no nível 20-30 cm.

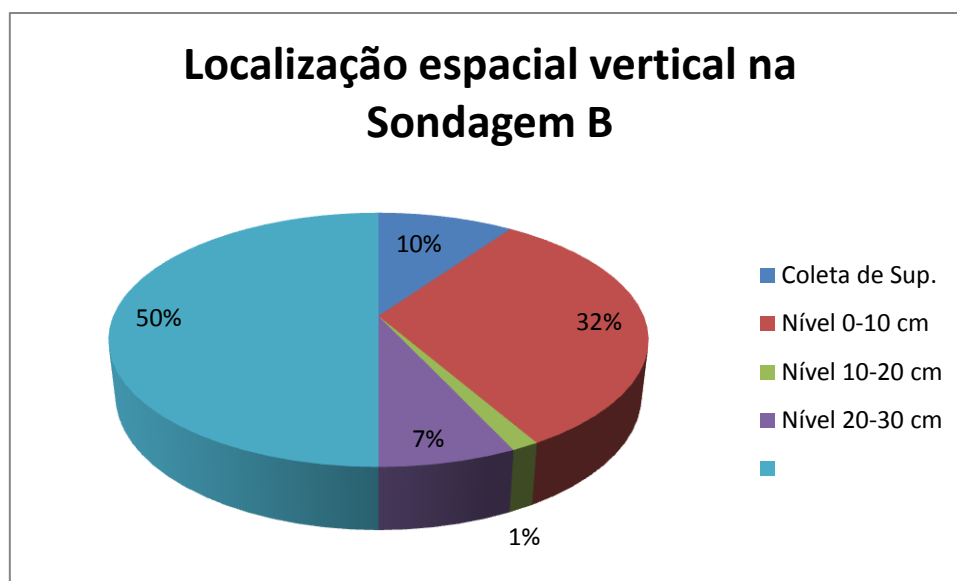


Gráfico 12 - Localização Espacial Vertical dos fragmentos de cerâmica coletados na Sondagem B.

Os fragmentos analisados da Trincheira C, foram coletados em profundidade de 0-20 cm, sendo distribuídos da seguinte forma: três no nível 0-10 cm e nove no nível 10-20 cm.

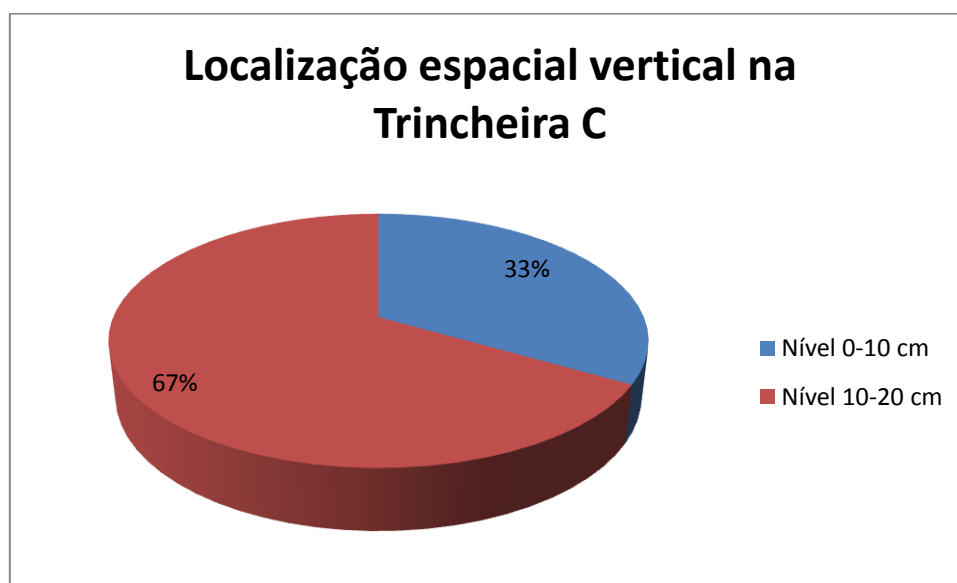


Gráfico 13 - Localização Espacial Vertical dos fragmentos de cerâmica coletados na Trincheira C.

Quanto a classe dos fragmentos, temos a seguinte distribuição: sessenta e quatro paredes, seis bordas, cinco bases e três apêndices.

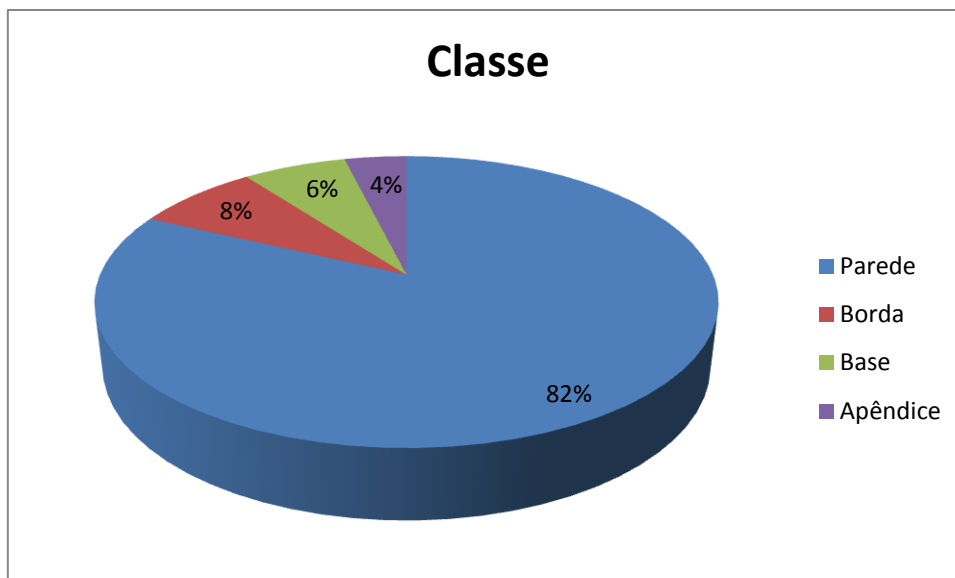


Gráfico 14 - Classe dos fragmentos de cerâmica analisados.

As bordas foram desenhadas quanto à sua inclinação, forma, espessura, tipo de lábio, diâmetro e a reconstituição gráfica da forma do vasilhame original foi possível em todas as bordas (ver apêndice G e H).

O antiplástico encontrado em todos os fragmentos analisados é o mineral, quartzo, sendo encontrado em apenas um fragmento, além do mineral, caco moído.

Em relação à espessura do antiplástico dos fragmentos analisados temos a seguinte distribuição: vinte e quatro finos, quarenta e um médios e treze grossos.

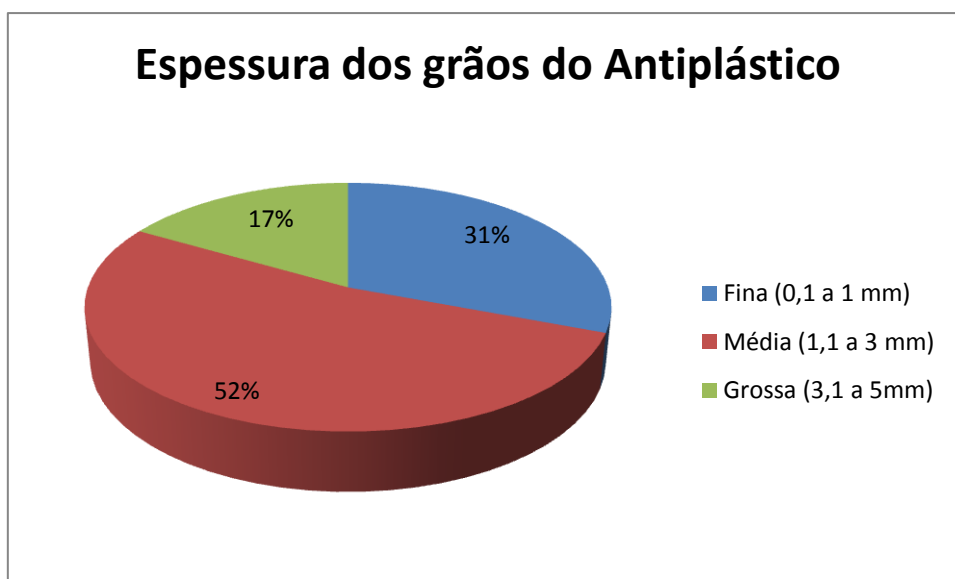


Gráfico 15 - Espessura dos grãos do Antiplástico dos fragmentos de cerâmica analisados.

A morfologia dos grãos do Antiplástico dos fragmentos analisados é a seguinte: dezoito com grãos arredondados-angulares e sessenta angulares-arredondados.

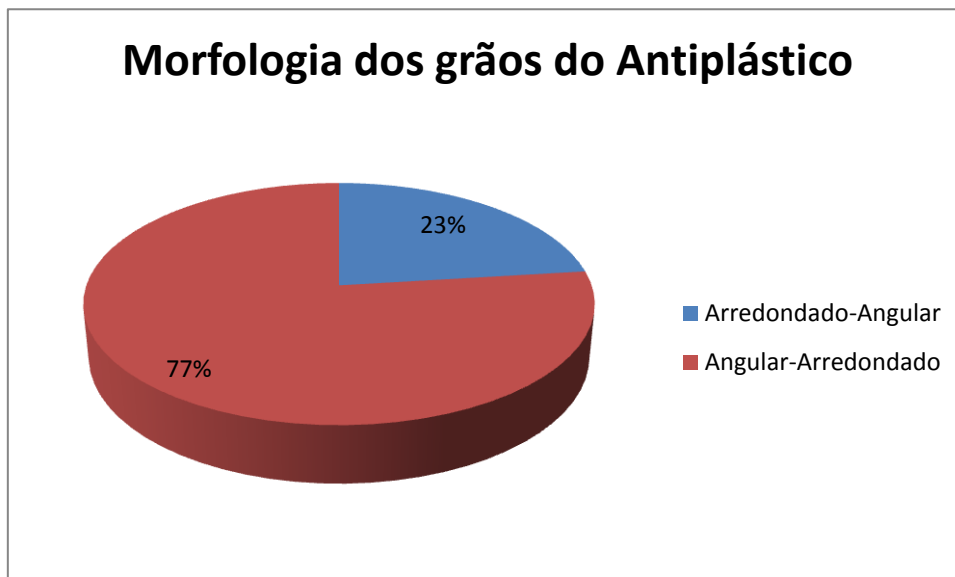


Gráfico 16 - Morfologia dos grãos do Antiplástico dos fragmentos de cerâmica analisados.

Ao analisar o tipo de queima dos fragmentos foram identificados vinte e seis referentes à cor variando do amarelo ao vermelho (oxidação completa), quatorze referente à cor cinza pardo (oxidação completa), dezesseis referentes à superfície oxidada com núcleo, três referentes à oxidação interna com redutor externo, sete referentes à oxidação externa com redutor interno, nove referentes à queima redutora e três referentes à superfícies redutoras e núcleo oxidante.

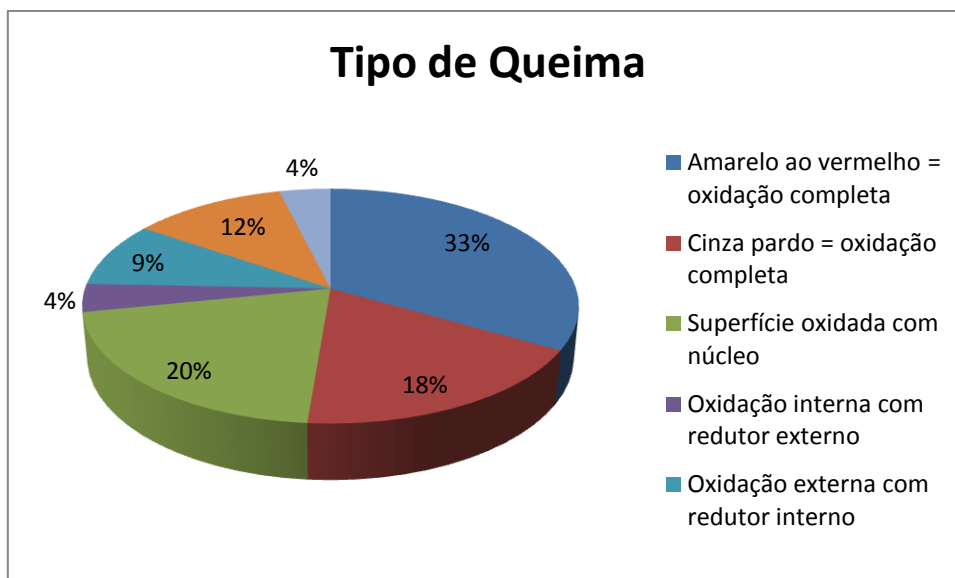


Gráfico 17 - Tipo de queima dos fragmentos de cerâmica analisados.

Quando ao tratamento de superfície foram identificados, na face interna, vinte e quatro alisados, três polidos, vinte e sete erodidos e vinte e quatro sem tratamento de superfície.

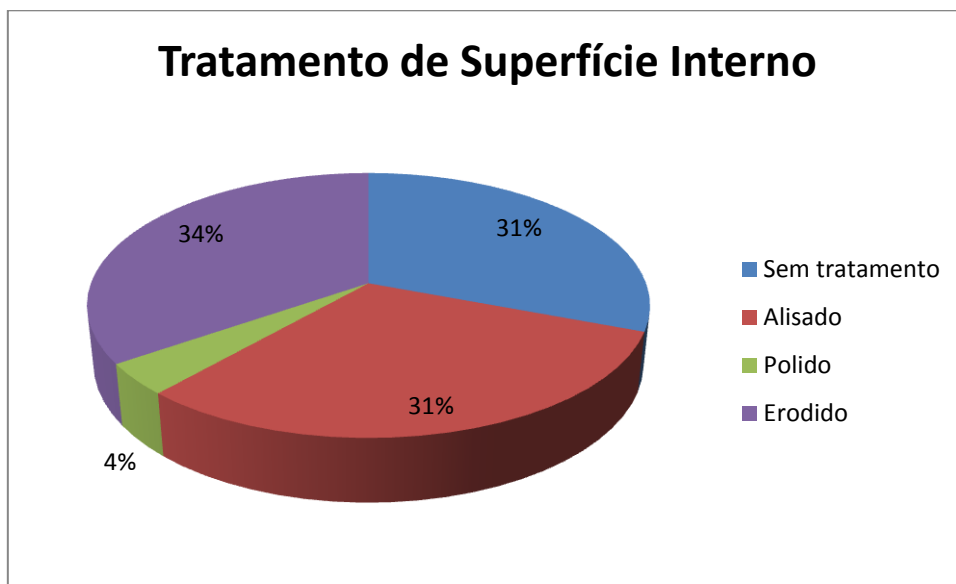


Gráfico 18 - Tratamento de Superfície Interno dos fragmentos de cerâmica analisados.

Já na face externa foram identificados vinte alisados, quatro polidos, trinta e um erodido e vinte e três sem tratamento de superfície.

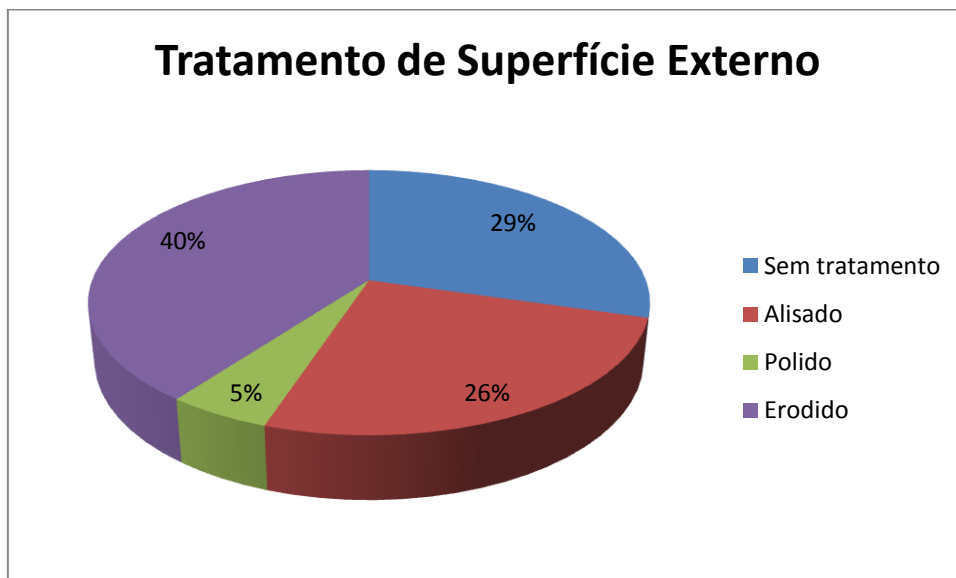


Gráfico 19 - Tratamento de Superfície Externo dos fragmentos de cerâmica analisados.

Foi identificado engobo em dois fragmentos, sendo um preto na superfície interna e um cinza na superfície externa.

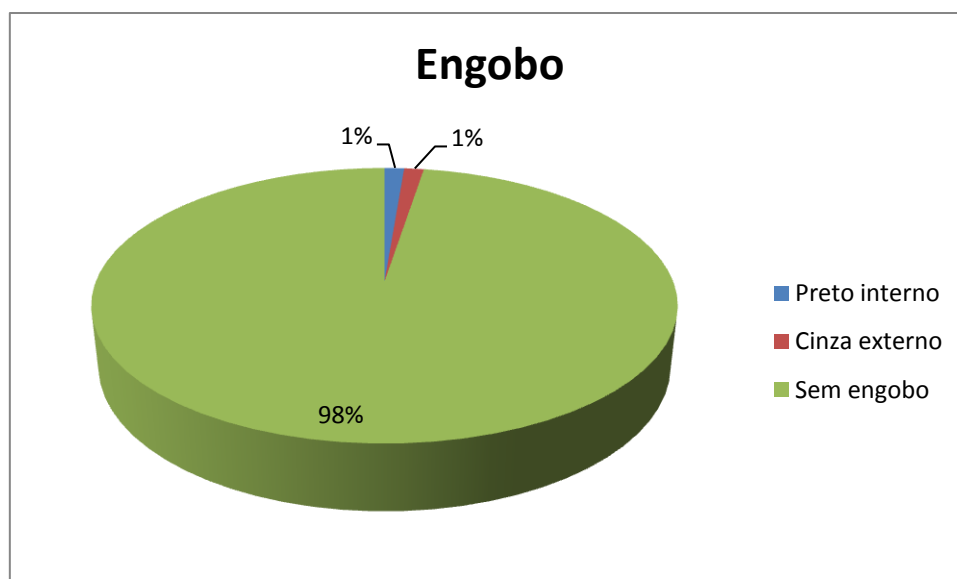


Gráfico 20 - Engobo nos fragmentos de cerâmica analisados.

Nos fragmentos analisados foram identificados a decoração plástica em oito fragmentos, sendo cinco escovados, que é feito com instrumento de pontas múltiplas ou objetos que deixam sulcos bem visíveis, paralelos e próximos, realizado com a superfície do vasilhame ainda úmida (CHMYZ, 1976) e três incisos que é resultado da ação de apertar um instrumento na superfície da pasta ainda plástica, produzindo uma linha em baixo relevo, que pode ter largura, comprimentos e profundidade variáveis (GOMES, 2002) (ver apêndice F, figura 26 e 27).

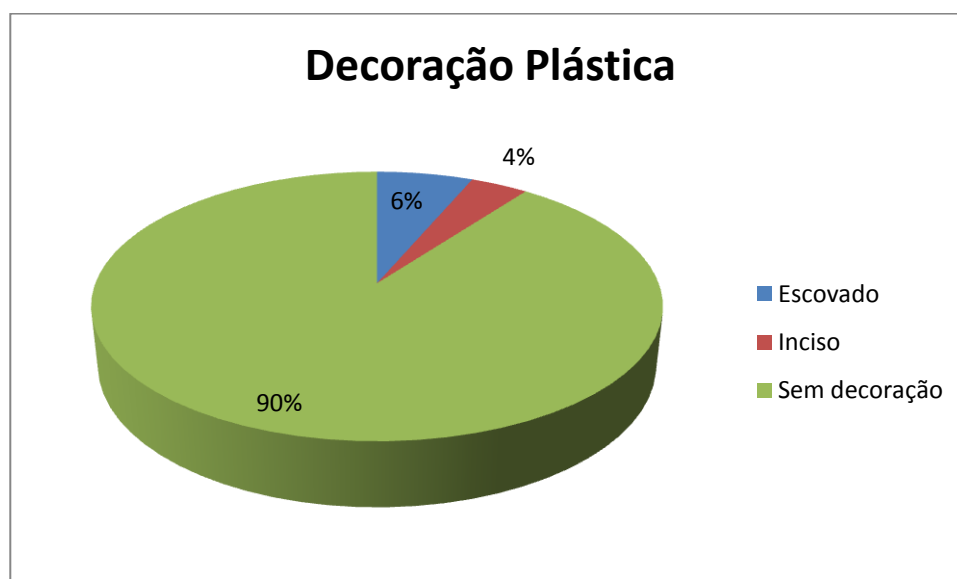


Gráfico 21 - Decoração Plástica nos fragmentos de cerâmica analisados.

A espessura da parede dos fragmentos varia entre 4 e 16 mm como mostra o gráfico a seguir.

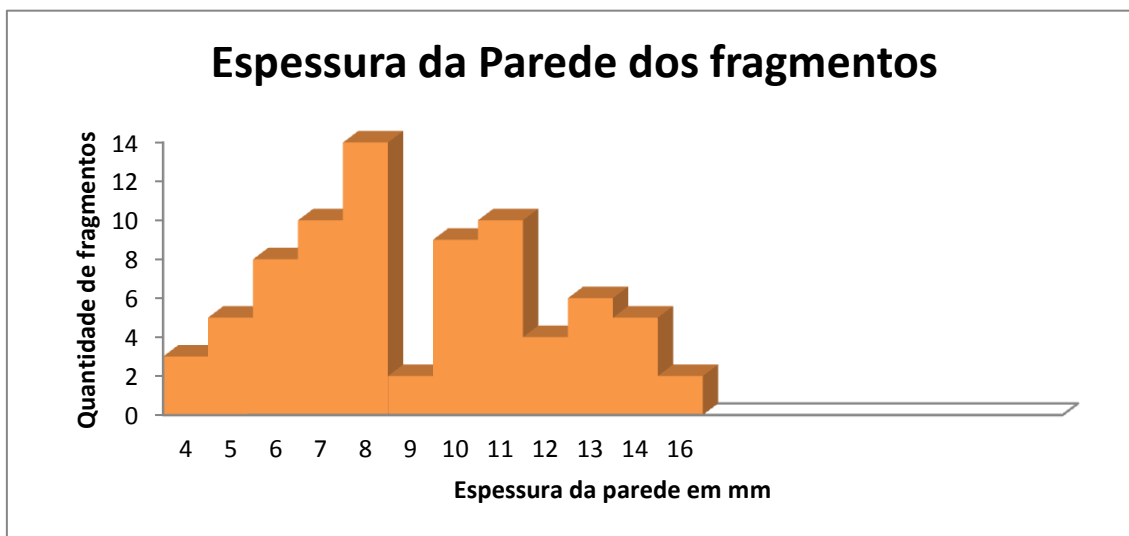


Gráfico 22 - Espessura da Parede dos fragmentos de cerâmica analisados (dados arredondados).

A técnica de manufatura identificada nos fragmentos foi a roletada, sendo identificada em trinta e três fragmentos.

Foram identificadas marcas de uso em sete fragmentos, sendo três com fuligens na superfície externa, dois com fuligens na superfície interna e dois com fuligens na superfície interna e externa.

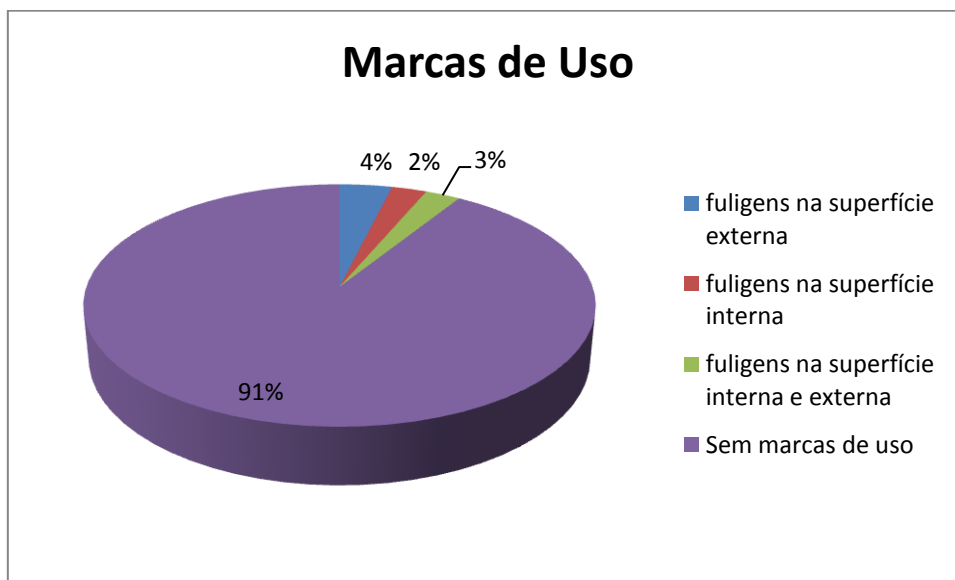


Gráfico 23 - Marcas de Uso nos fragmentos de cerâmica analisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do material cerâmico e de louça é de grande importância por ser uma representação material da cultura de um ou mais grupos humanos que habitaram a região em épocas diferentes, transmitindo informações sobre características destes como as relações sociais, hierarquias e tecnologias empregadas.

O sedimento do sítio sofreu e sofre perturbações constantemente, devido a atividades agrícolas, o que explica o material pré-histórico estar misturado com o histórico, dificultando a obtenção dos dados de cronologia e ocupação.

Com as informações da técnica decorativa e os motivos da faiança fina foi possível identificar o período de fabricação das mesmas, sendo eles: Floral (pintada a mão) de 1810 a 1860; Carimbada (pintada a mão) de 1845 ao início do século XX; Linear e linhas (pintado a mão) do final do século XVIII ao início do século XX; Borrão (*transfer printing*) de 1825 a 1867; e *Shell Edged* (pintada a mão com superfície modificada) de 1780 à década de cinquenta do século XIX.

Quanto à cerâmica, em alguns fragmentos cerâmicos foi identificada a decoração escovada, que é característica da tradição Tupiguarani, sendo classificado como uma subtradição da mesma, que é contemporânea ao início do contato com os colonizadores europeus, porém aparece apenas o antiplástico mineral, que apesar de também ser característico dessa tradição, aparece em várias outras.

Em outros fragmentos podemos observar que são de fabricação recente, devido ao tratamento de superfície, técnica de fabricação e tipo de queima.

As informações conseguidas até o momento foram insuficientes não só para classificar a cerâmica em uma tradição já conhecida uma vez que os diversos atributos identificados na análise não seguem um padrão, muito menos para caracterizar e desenvolver informações sobre os padrões de comportamento dos grupos. É necessário, portanto, um estudo mais aprofundado do sítio.

Com as informações conseguidas até o momento não foi possível classificar a cerâmica em uma tradição já conhecida, uma vez que os diversos atributos identificados na análise não seguem um padrão já estabelecido, sendo assim também não foi possível caracterizar e desenvolver informações sobre os padrões de comportamento dos grupos.

É necessário, portanto, um estudo mais aprofundado do sítio, como novas intervenções arqueológicas e coleta de materiais arqueológicos para o melhor entendimento do sítio e dos grupos que ocuparam a região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOVASIO, J.M.; SOFFER, O.; PAGE, J. **Sexo invisível. O verdadeiro papel da mulher na Pré-História**. São Paulo: Record. 2009.

AMÂNCIO, S. G. **Influência da evolução costeira holocênica na ocupação da costa do Estado de Sergipe por grupos sambaquieiros**. Dissertação de Mestrado. Salvador: IGEO/UFBA, 2001.

AMÂNCIO-MARTINELLI, S. G.; SANTOS, J. F.; GOMES, B. “Nota sobre a possibilidade de uma oficina lítica no Sítio Caju – Itaporanga D’Ajuda/SE”. In **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**. Universidade Federal de Sergipe, nº 4, p. 371-373. Setembro/2004.

BICHO, N. F. **Manual de Arqueologia Pré-Histórica**. Lisboa: Edições 70, 2006.

CARVALHO, F. L. **A pré-história sergipana**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003.

CHMYZ, I. **Terminologia Arqueológica Brasileira para a**. In *Cadernos de Arqueologia*, ano 1, nº 1, Paranaguá: UFPR, p. 119-147, 1976.

EVANS, C. **Introdução**. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi, nº6, Bélem: Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 7-13, 1967.

FOGAÇA, E. **Povoamento Pré-Histórico na bacia do rio Sergipe (SE, Brasil): Comportamento técnico e apropriação do espaço**. Projeto de Pesquisa CNPQ, 2009.

GOMES, D. M. C. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP**. São Paulo: EdUSP / Imprensa Oficial, 2002.

GUIMARÃES, M. B. C. **Manual de Estudos de Materiais Históricos: volume I Cerâmica**. Laranjeiras: NAR/UFS, 2012.

IBGE. Biblioteca IBGE. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/sergipe/areiabranca.pdf>>. Acessado em 03/09/2012

LUNA, S. **As pesquisas arqueológicas sobre cerâmica no nordeste do Brasil**. In *Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó*. Universidade Federal de Sergipe, nº 8, p. 167-207. Dezembro/2006.

MARTIN, G. **O povoamento pré-histórico do Vale do São Francisco**. Projeto Financiado pela CHESF. Documento 13, 1998.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5ª edição. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

MELLO, P. J. C. **Levantamento Arqueológico na Bacia do rio Vaza-Barris, no estado de Sergipe**. Projeto de Pesquisa CNPQ, 2009.

MENDONÇA, J. U. & SILVA, M. L. C. (Org.) **Sergipe Panorâmico**. Aracaju: UNIT, 2009.

NUNES, M. T. **Sergipe Colonial I**. 2ª edição. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2006.

OLIVEIRA, C. A.; FERNANDES, S. C. G.; CISNEIROS, D.; CARVALHO, O. A.; CALLEFFO, M. E. V.; COELHO, J.; SENA, V. K. **Grupos pré-históricos do Sítio Jerimum região de Xingó – Canindé do São Francisco, Se**. Aracaju: MAX, 2005.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. *La cerâmica en arqueologia. Traducción castellana de Rócio Barceló y Juan A. Braceló*. Barcelona: Crítica (Grijalbo Mondadori, S.A.), 1997.

RYE, O. S. *Pottery technology: principles and reconstruction*. Manuals on Archeology 4, Taraxacum, Washington, D.C, 1981.

SEMARH. **Bacias Hidrográficas do Estado de Sergipe**. Secretária de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos, disponível em <www.semarh.se.gov.br>. Acessado em 03/09/2012

SHEPARD, A. **Ceramics for the Archaeologist**. Washington: Carnegie Institution of Washington, 12 th ed., 1985.

TOCCHETTO, F. B.; SYMANSKY, L. C. P.; OZÓRIO, S. R.; OLIVEIRA, A. T. D.; CAPPELLETTI, A. M. **A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade**. Porto Alegre: Secretária Municipal da Cultura, 2001.

APÊNDICE A

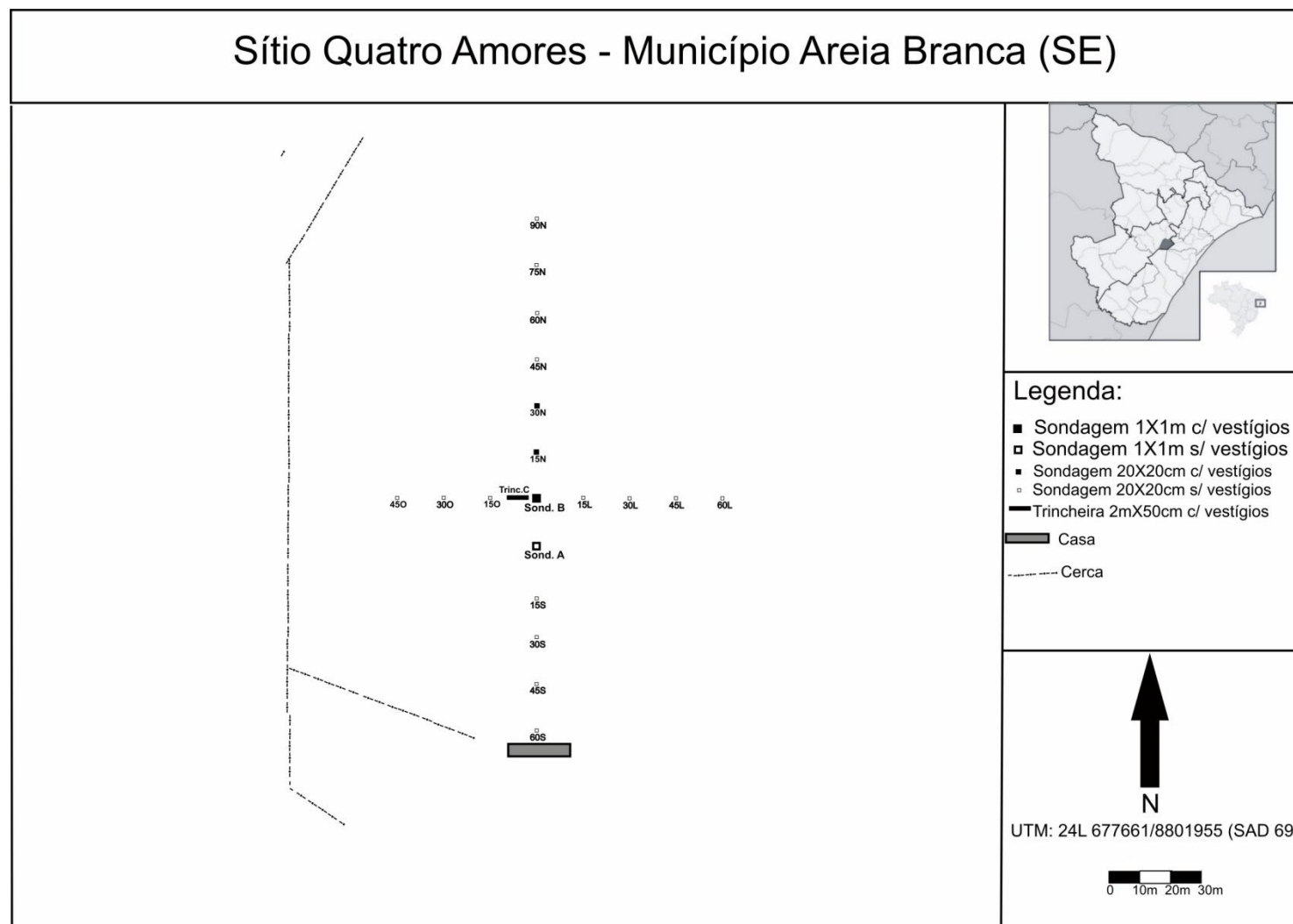


Figura 15 – Croqui Sítio Quatro Amores. Autor: Juliana Betarello Ramalho

APÊNDICE B

Planilha Análise Louça do Sítio Quatro Amores

Nº DA PEÇA	PROCEDÊNCIA	LOC. ESPACIAL	LOC. ESTRATIGRAFICA	DATA COLETA	COMPRIMENTO	LARGURA	ESPESSURA
QA 01	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	4 cm	6,2 cm	0,4 cm
QA 02	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	3,3 cm	2,3 cm	0,5 cm
QA 03	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	2,9 cm	3 cm	0,3 cm
QA 04	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	3,4 cm	1,7 cm	0,4 cm
QA 05	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	2,6 cm	2,3 cm	0,4 cm
QA 06	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	2 cm	1,9 cm	0,3 cm
QA 07	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	2,9 cm	2,4 cm	0,4 cm
QA 08	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	31/03/2012	1,9 cm	1,9 cm	0,4 cm
QA 09	Sítio Quatro Amores	Sondagem B	Coleta de Superfície	31/03/2012	4,1 cm	2,9 cm	0,5 cm
QA 10	Sítio Quatro Amores	Sondagem B	Coleta de Superfície	31/03/2012	3,7 cm	4,1 cm	0,5 cm
QA 11	Sítio Quatro Amores	Sondagem B	0-10 cm	31/03/2012	3,4 cm	1,5 cm	0,3 cm
QA 12	Sítio Quatro Amores	Sondagem B	0-10 cm	31/03/2012	4,6 cm	3,2 cm	0,3 cm
QA 13	Sítio Quatro Amores	Sondagem B	0-10 cm	31/03/2012	1,9 cm	1,8 cm	0,4 cm
QA 14	Sítio Quatro Amores	Sondagem B	10-20 cm	31/03/2012	1,6 cm	1,1 cm	0,4 cm
QA 15	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	16/06/2012	10,6 cm	5 cm	0,7 cm
QA 16	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	16/06/2012	4,6 cm	3,3 cm	0,7 cm
QA 17	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	16/06/2012	4,5 cm	2,5 cm	0,6 cm
QA 18	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	16/06/2012	2,9 cm	3,2 cm	0,5 cm
QA 19	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	16/06/2012	1,2 cm	1,7 cm	0,4 cm
QA 20	Sítio Quatro Amores		Coleta de Superfície	16/06/2012	3,8 cm	2,4 cm	0,5 cm

DIÂMETRO(d)/ ALTURA(h)	FRACÇÃO	FORMA	SEGMENTO	CLASSIFICAÇÃO DA CERÂMICA	TÉCNICA DE FABRICAÇÃO
d = 22 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Parede	Faiança Fina	Moldada
d = 17 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Parede	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Parede	Faiança Fina	Moldada
d = 18 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Parede	Faiança Fina	Moldada
d = 16 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
h = 3 cm	Peça fragmentada	Esférica	Base Côncava	Faiança Fina	Moldada
d = 8 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Parede	Faiança Fina	Moldada
	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Parede	Faiança Fina	Moldada
	Peça fragmentada	Esférica	Base plana	Faiança Fina	Moldada
	Peça fragmentada		Base Côncava	Faiança Fina	Moldada
d = 17 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
d = 26 cm	Peça fragmentada	Esférica	Borda	Faiança Fina	Moldada
	Fragmento		Borda	Faiança Fina	Moldada
h = 3,7 cm	Peça fragmentada	Apêndice: alça	Alça	Faiança Fina	Moldada

Quadro 04: Análise Louça, folha 02 de 04

QUEIMA	GRANULOMETRIA	TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE	SUPERFÍCIE MODIFICADA
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	Shell Edged (cabelinho) com relevo
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	Borda Real (Royal Rim) borda ondulada
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	Relevo em faixa sem cor
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	
Redutora	Grãos Finos	Esmalte	

Quadro 04: Análise Louça, folha 03 de 04

DECORAÇÃO PINTADA	MOTIVO	COR	USO	FUNÇÃO
Pintada a mão	Shell Edged (cabelinho)	Azul	Consumir	Peça utilitária: prato/travessa
Pintada a mão	Floral (Peasant Style)	Azul e verde		
Pintada a mão (faixas e frisos)	Linear (friso paralelo a borda)	Verde	Consumir	Peça utilitária: xícara
Pintada a mão (carimbada)	Floral	Verde e vinho		
Pintada a mão	Floral	Verde e vinho		
Pintada a mão	Linear (faixas e frisos)	Policromático	Consumir	Peça utilitária: xícara
Pintada a mão	Linear	Azul e verde		
Borrão		Azul		
Pintada a mão	Linhas e pontos	Azul e vinho		
Pintada a mão	Floral	Vinho	Consumir	Peça utilitária: tigela
Pintada a mão (carimbada)	Floral	Verde Vinho		
Borrão	Floral	Azul		
Pintada a mão	Linear (faixas e frisos)	Azul		
Não decorada				
Não decorada				
Pintada a mão	Floral	Verde		
Não decorada				
Não decorada			Consumir	Peça utilitária: prato
Pintada a mão	Linear	Azul		
Não decorada			Consumir	Peça utilitária: xícara

Quadro 04: Análise Louça, folha 04 de 04

APÊNDICE C

Planilha Análise Cerâmica do Sítio Quatro Amores (ver códigos no anexo B)

NU M	SO N	NV	CLA S	AN T	ES P	MOR F	Q M	TRA T	TRA T	EN G	DE C	ESP	TE C	MARC A
QA					AN T	ANT		INT	EXT			(m m)	MA N	USO
1	Csu p	0	1	7	2	1	3	5	2	0	0	6	1	0
2	Csu p	0	1	7	2	2	2	4	2	0	0	7,5	1	1
3	Csu p	0	2	7	1	2	6	2	2	0	5	9	1	1
4	Csu p	0	1	7	2	1	2	4	1	0	5	7	1	0
5	Csu p	0	1	4 e 7	3	2	1	2	4	0	2	11, 5	1	0
6	Csu p	0	1	7	2	2	3	2	2	0	0	8	1	0
7	Csu p	0	1	7	2	2	1	5	4	0	0	9,5	0	2
8	Csu p	0	1	7	1	1	1	1	1	0	0	6,5	1	0
9	Csu p	0	1	7	1	2	5	2	2	0	0	4,5	0	0
10	Csu p	0	3	7	2	1	5	4	4	0	2	4	1	1 e 2
11	Csu p	0	1	7	2	2	1	4	4	0	0	11	0	0
12	Csu p	0	1	7	2	2	3	4	4	0	0	8	1	0
13	Csu p	0	REMONTA COM 6											
14	TELHA													
15	Csu p	0	1	7	3	2	1	4	4	0	0	14	0	0
16	Csu p	0	1	7	2	1	1	4	4	0	0	9	0	0
17	Csu p	0	1	7	2	2	6	4	4	0	0	11	1	0
18	Csu p	0	REMONTA COM 10											
19	Csu p	0												
20	B	0	5	7	1	1	2	1	1	0	0	10	1	0
21	B	0	5	7	2	2	3	1	1	0	0	5	1	1
22	B	0	1	7	2	2	1	3	3	0	0	16	1	0
23	B	0	1	7	3	2	2	2	1	4	0		1	0

24	B	0	1	7	3	2	2	4	2	0	5		0	2
25	B	0	1	7	2	2	2	3	3	0	0	14	1	0
26	B	0	1	7	2	2	4	1	1	0	0	10	1	0
27	B	1	1	7	2	1	3	1	1	0	0	7,5	1	0
28	B	1	1	7	2	2	1	4	4	0	0	11	1	0
29	B	1	2	7	2	2	1	4	4	0	0	9,5	1	0
30	B	1	1	7	2	1	3	1	1	0	0	7	0	0
31	B	1	1	7	2	2	7	4	4	0	0	10	1	0
32	B	1	2	7	2	1	2	1	1	0	0	6	0	0
33	B	1	1	7	2	2	1	4	4	0	0	8	0	0
34	B	1	1	7	1	2	2	1	4	0	0	8	0	0
35	B	1	1	7	2	2	3	4	4	0	0	13	0	0
36	B	1	1	7	2	2	7	4	4	0	0	13	0	0
37	B	1	1	7	1	2	2	1	1	0	0	8	0	0
38	B	1	1	7	2	2	1	4	4	0	0	14	1	0
39	B	1	1	7	2	2	5	1	4	0	0	5	0	0
40	B	1	1	7	1	2	6	1	1	1	5	6,5	1	0
41	B	1	1	7	1	1	1	1	1	0	5	6	1	0
42	B	1	1	7	2	2	7	4	4	0	0	13,5	0	0
43	B	1	1	7	2	1	1	4	2	0	0	14	0	0
44	B	1	1	7	2	2	3	1	1	0	0	8	1	0
45	B	1	1	7	2	2	6	1	1	0	0	5,5	1	0
46	B	1	1	7	1	2	1	4	4	0	0	12	1	0
47	B	1	1	7	1	1	1	1	1	0	0	7	0	0
48	B	1	1	7	1	1	6	1	1	0	0	7,5	1	0
49	B	1	1	7	1		1	1	1	0	0	5,5	1	0
50	B	2	1	7	1	2	1	3	2	0	0	6	0	0
51	B	3	1	7	1	2	1	1	1	0	0	12	0	0
52	B	3	1	7	3	2	1	1	1	0	0	13	0	0
53	B	3	1	7	3	2	2	2	2	0	0	11	0	0
54	B	3	1	7	2	2	3	2	2	0	0	10	0	0
55	B	3	REMONTA COM 53											
56	B	15	2	7	2	2	1	2	3	0	0	8	1	0
		N												
57	B	30	1	7	1	2	3	2	3	0	2	6	1	0
		N												
58	P52	0	1	7	2	2	6	1	2	0	0	13	0	0
59	P52	0	5	7	1	1	6	1	1	0	0	7,5	0	1 e 2
60	P52	0	3	7	2	2	2	1	1	0	0	13	0	0
61	Csu	0	2	7	2	2	1	2	2	0	0	7	0	0
	p													
62	Csu	0	1	7	1	1	3	2	4	0	0	5	0	0

	p													
63	Csu	0	1	7	1	1	1	2	2	0	0	5	0	1
	p													
64	Csu	0	1	7	3	2	3	4	4	0	0	11	0	0
	p													
65	Csu	0	1	7	2	2	1	4	4	0	0	7	0	0
	p													
66	Csu	0	1	7	1	2	6	2	2	0	0	4	0	0
	p													
67	Csu	0	1	7	2	2	2	2	0	0	0	7	0	0
	p													
68	Csu	0	REMONTA COM 64											
	p													
69			TELHA											
70	Csu	0	2	7	3	2	1	2	2	0	0	10	0	0
	p													
71	Csu	0	1	7	1	2	1	2	0	0	0	4	0	0
	p													
72	C	1	1	7	1	2	5	1	2	0	0	12	0	0
73	C	1	1	7	1	2	5	1	4	0	0	10	0	0
74	C	1	1	7	1	2	6	2	2	0	0	6	0	0
75	C	2	1	7	2	2	3	4	4	0	0	11	0	0
76	C	2	1	7	3	2	1	4	4	0	0	10	1	0
77	C	2	1	7	1	2	4	2	2	0	0	7	0	0
78	C	2	REMONTA COM 75											
79	C	2	3	7	3	2	4	2	4	0	0	7	0	0
80	C	2	1	7	3	2	2	2	4	0	0	13	0	0

Quadro 05: Análise Cerâmica

APÊNDICE D



Figura 16 – Foto panorâmica do sítio, direção oeste – leste. Foto: Aline Rios



Figura 17 – Foto panorâmica do sítio, direção leste – oeste. Foto: Aline Rios

APÊNDICE E



Figura 18 – Fragmento com superfície modificada estilo Relevo em faixas sem cor. Foto: Aline Rios



Figura 19 – Fragmento com superfície modificada estilo Shell Edged. Foto: Aline Rios



Figura 20 – Fragmentos com decoração pintada, face externa. Foto: Aline Rios



Figura 21 – Fragmentos com decoração pintada, face interna. Foto: Aline Rios



Figura 22 – Apêndice: alça de Xícara. Foto: Aline Rios



Figura 23 – Base Xícara. Foto: Aline Rios

APÊNDICE F



Figura 24 – Bordas QA03, QA29 e QA32. Foto: Aline Rios



Figura 25 – Bordas QA56, QA61 e QA70. Foto: Aline Rios



Figura 26 – Decoração escovada. Foto: Aline Rios



Figura 27 – Decoração incisa. Foto: Aline Rios

APÊNDICE G

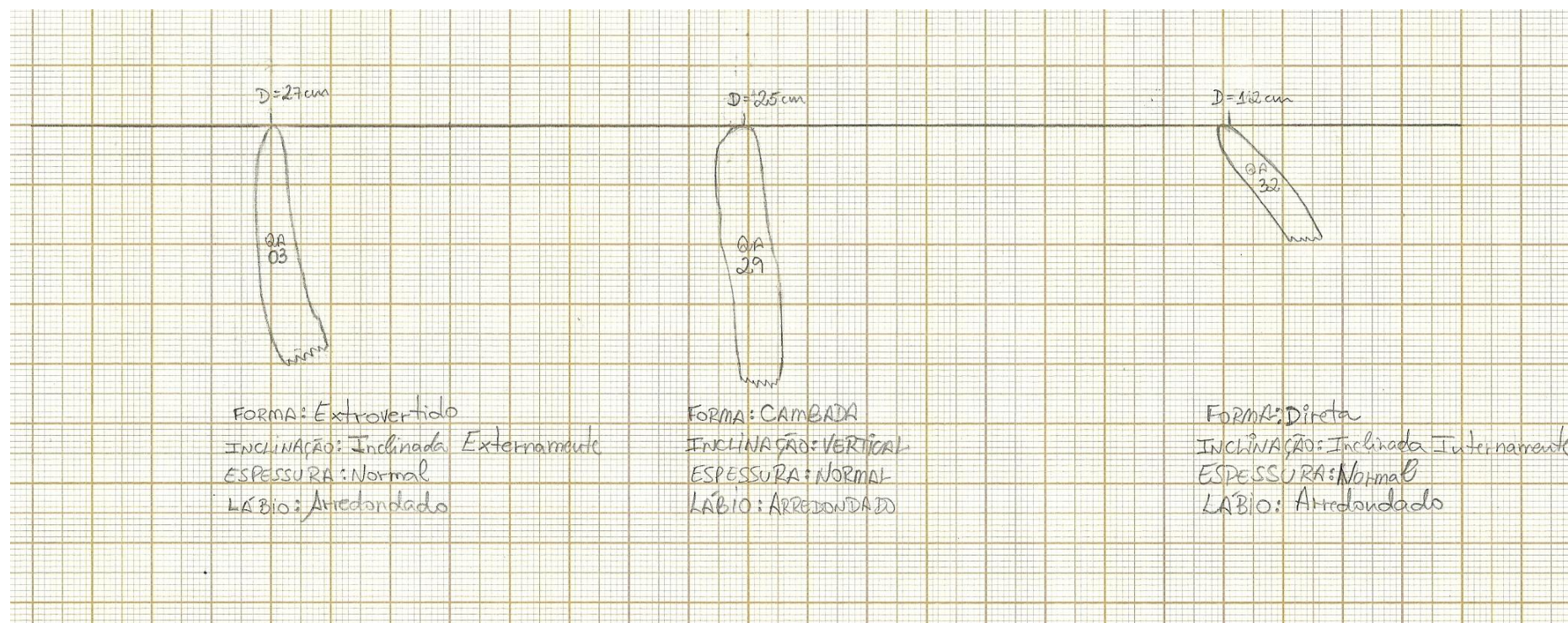


Figura 28 – Desenho Bordas. Autor: Ana Cláudia Jucá

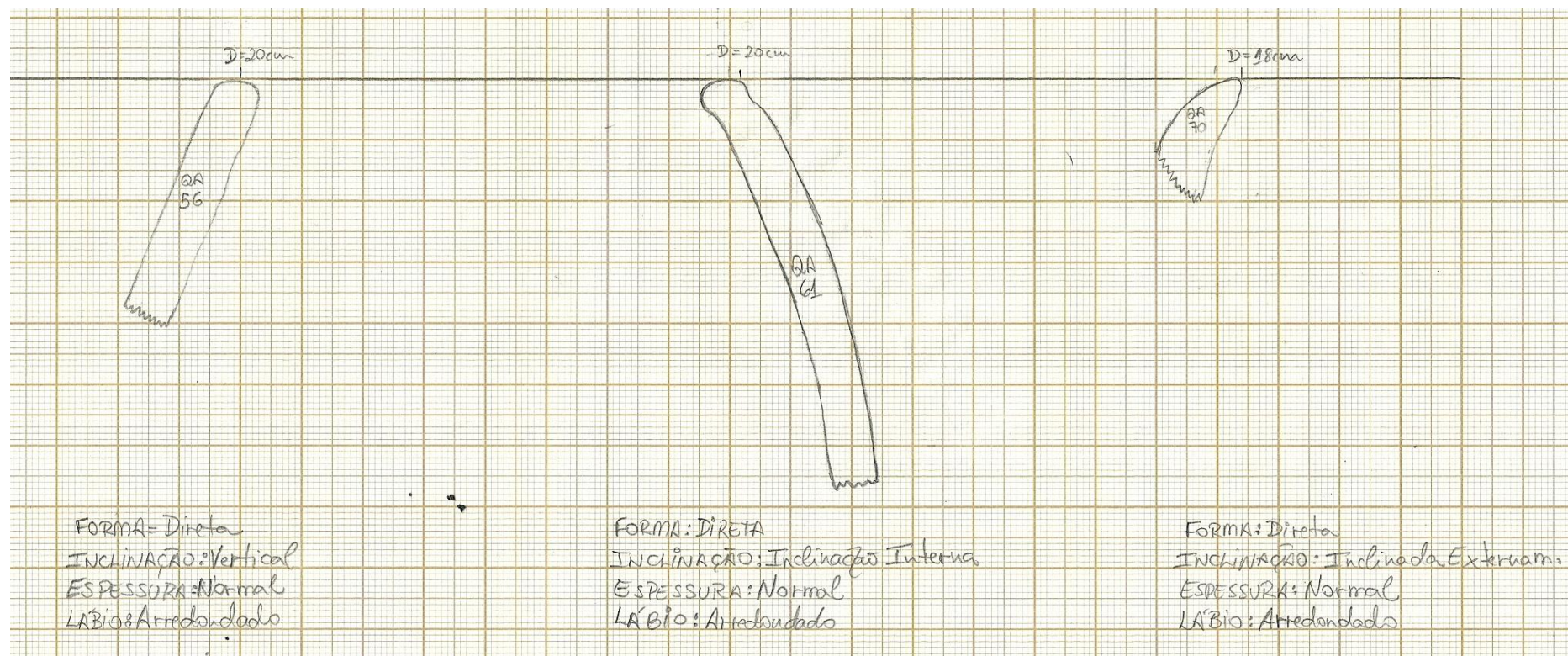


Figura 29 – Desenho Bordas. Autor: Ana Cláudia Jucá

APÊNDICE H

Reconstituição Gráfica das Bordas

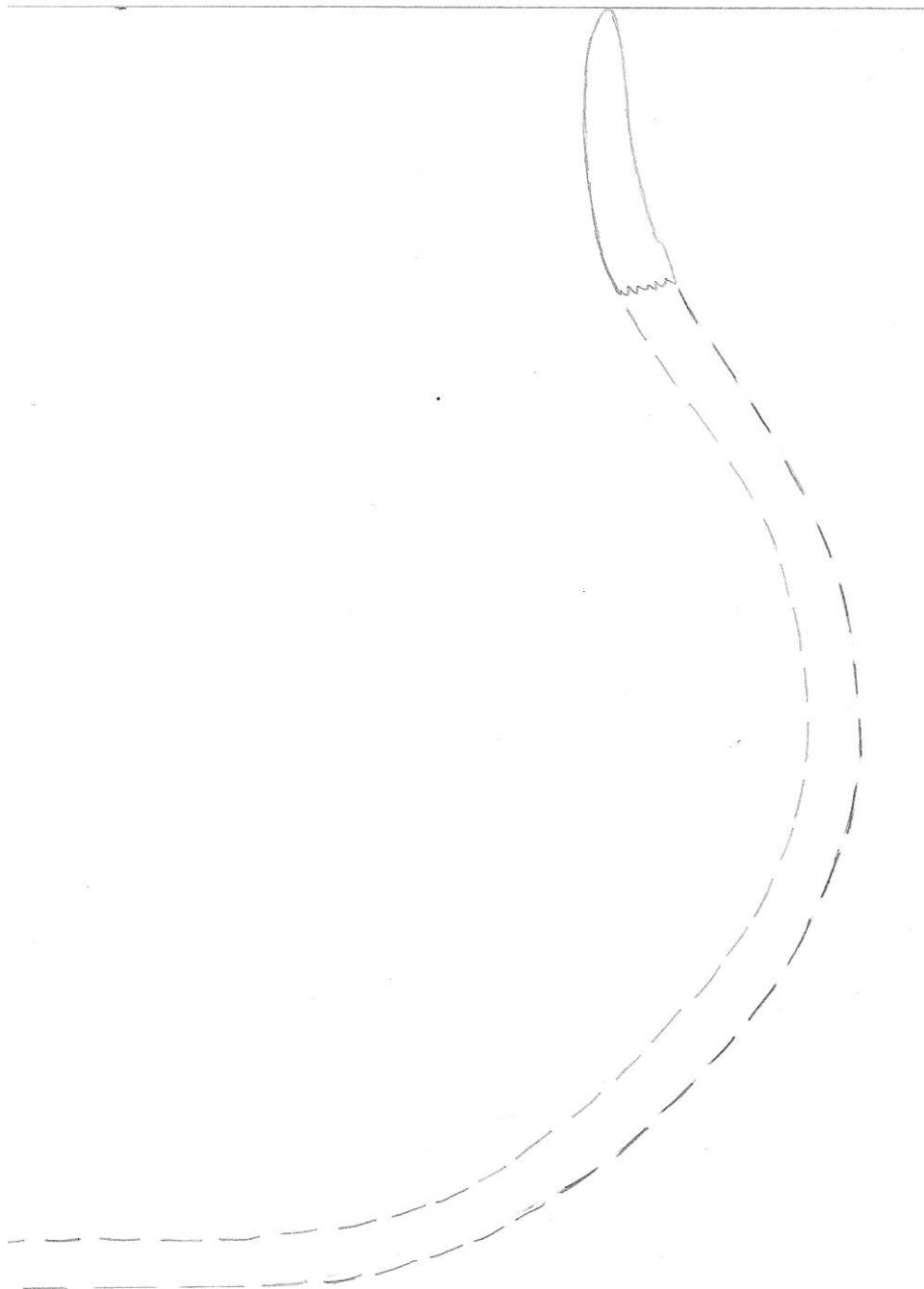


Figura 30 – Reconstituição Borda QA 03, diâmetro 27 cm. Autor: Ana Cláudia Jucá



Figura 31 – Reconstituição Borda QA 29, diâmetro 25 cm. Autor: Ana Cláudia Jucá

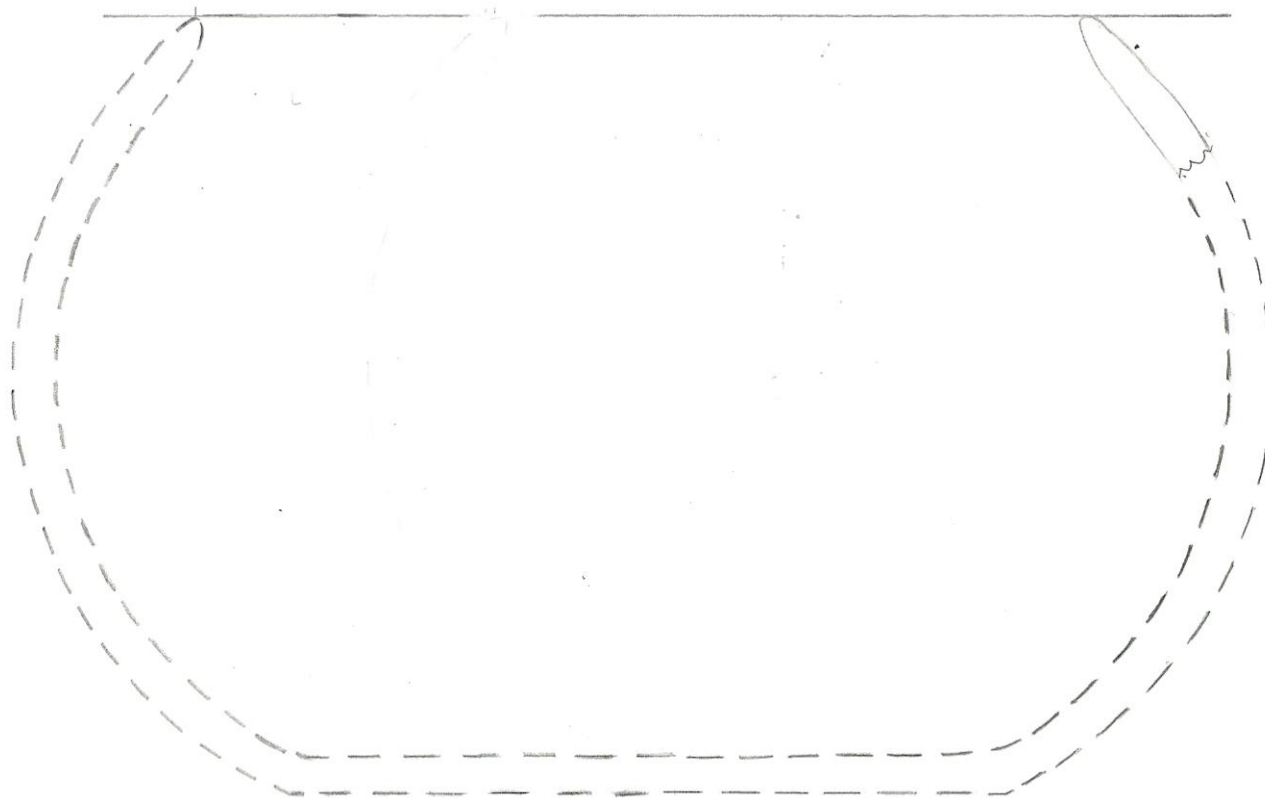


Figura 32 – Reconstituição Borda QA 32, diâmetro 12 cm. Autor: Ana Cláudia Jucá

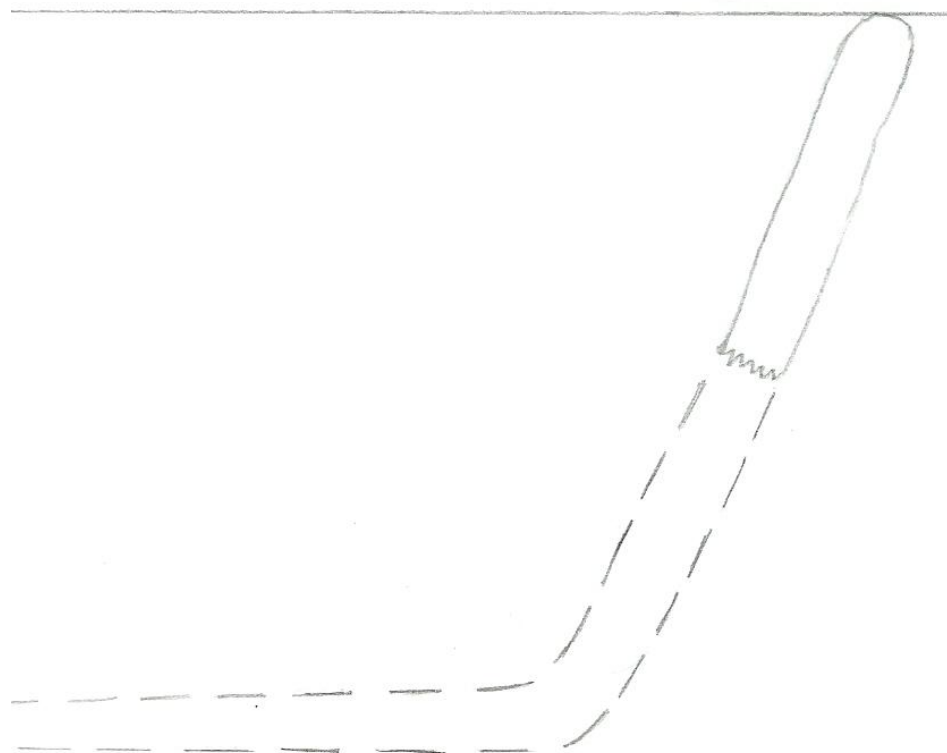


Figura 33 – Reconstituição Borda QA 56, diâmetro 20 cm. Autor: Ana Cláudia Jucá

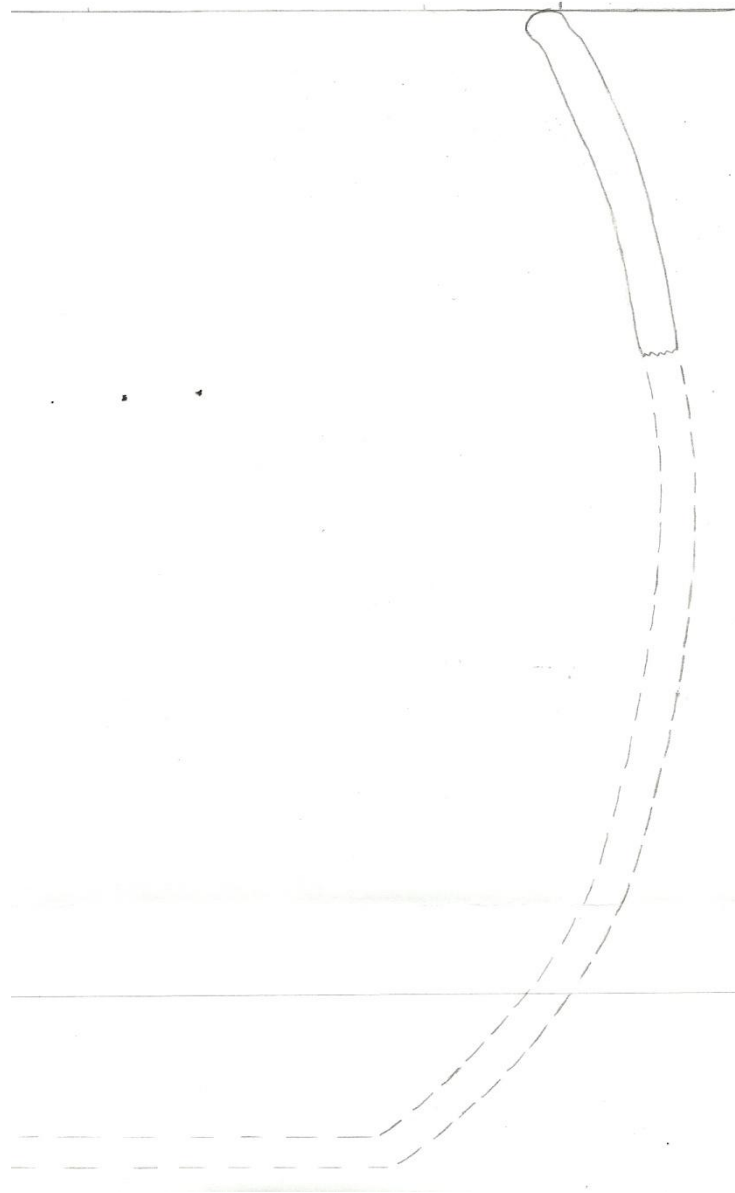


Figura 34 – Reconstituição Borda QA 61, diâmetro 20 cm. Autor: Ana Cláudia Jucá

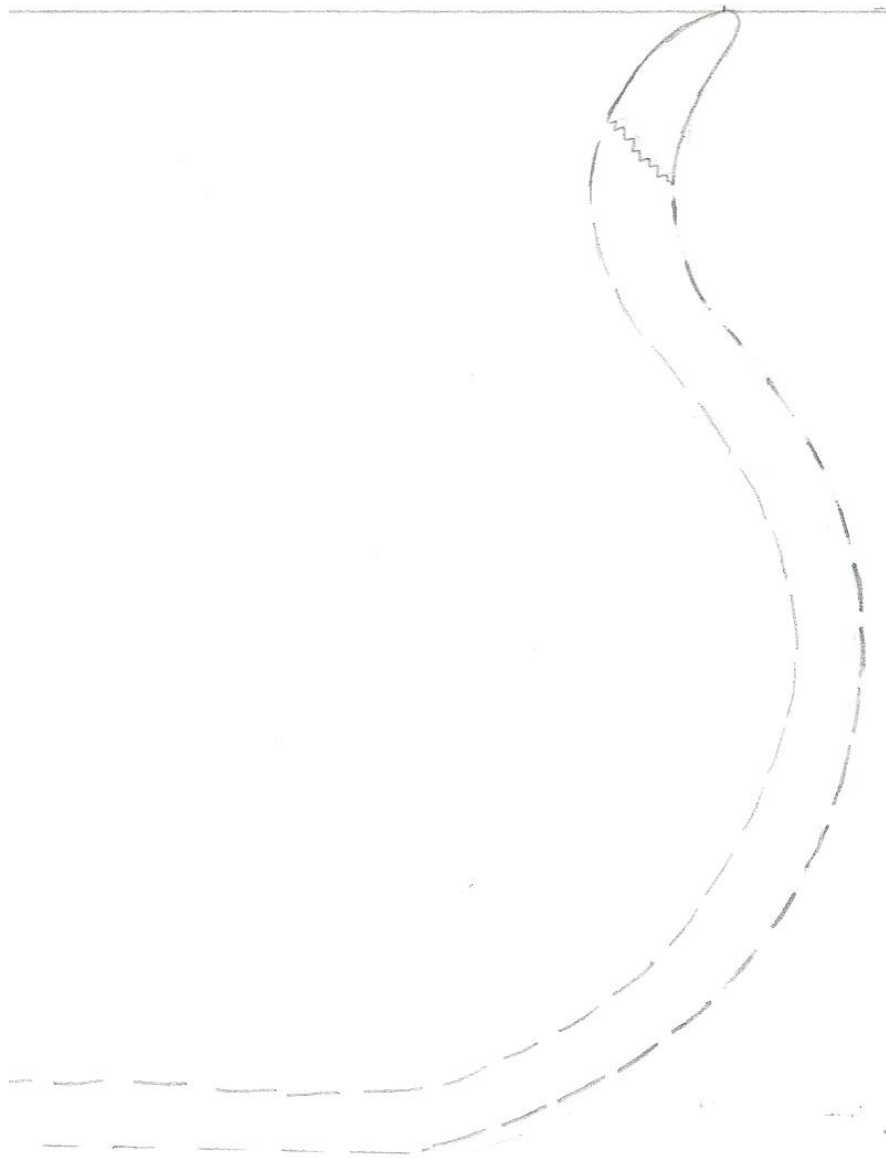


Figura 35 – Reconstituição Borda QA 70, diâmetro 18 cm. Autor: Ana Cláudia Jucá

ANEXO A



Figura 36 – Imagem de Satelite do Sítio Quatro Amores. Fonte: Google Earth, modificado por Juliana Betarello Ramalho

ANEXO B

Roteiro de Análise - Material Cerâmico

(modificado de Patrimônio Arqueológico da Região Sudoeste de Goiás)

1 – NÚMERO DA PEÇA

2 – SONDAGEM

3 – NÍVEL

4 – CLASSE

0 – Não identificado

3 – Base

6 – Fuso

1 – Parede

4 – Parede com ombro

7 – Bolota de argila

2 – Borda

5 – Apêndice

8 – Rolete

5 – ANTIPLÁSTICO

1 – Cariapé A

4 – Caco Moído

7 – Mineral

2 – Cariapé B

5 – Carvão

3 – Cauixi

6 – Concha moída

6 - ESPESSURA DOS GRÃOS DO ANTIPLÁSTICO

1 – Fina (0.1 a 1 mm)

3 – Grossa (3.1 a 5 mm)

2 – Média (1.1 a 3 mm)



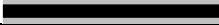




4 – Muito Grossa (> 5 mm)

7 – MORFOLOGIA DOS GRÃOS DO ANTIPLÁSTICO

1 – Arredondado-Angular

2 – Angular-Arredondado

8 – TIPOS DE QUEIMA

1 - Amarelo ao vermelho = oxidação completa 	2 - Cinza pardo = oxidação completa 
3 - Superfície oxidada com núcleo 	4 - Oxidação interna com redutor externo 
5 - Oxidação externa com redutor interno 	6 - Queima redutora 
7 - Superfícies redutoras e núcleo oxidante 	

9 – TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE INTERNO

1 – Sem tratamento

3 – Polido

2 – Alisado

4 – Erodido

10 – TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO

- | | |
|--------------------|-------------|
| 1 – Sem tratamento | 3 – Polido |
| 2 – Alisado | 4 – Erodido |

11 – ENGOBO

- | | |
|---------------|---------------|
| 1 – Preto int | 3 – Cinza int |
| 2 – Preto ext | 4 – Cinza ext |

12 – DECORAÇÕES

DECORAÇÃO PLÁSTICA

- | | | |
|-------------------|--------------|---------------|
| 0 – Sem decoração | 3 – Pontado | 6 – Corrugado |
| 1 – Entalhado | 4 – Ungulado | |
| 2 – Inciso | 5 – Escovado | |

13 – ESPESSURA

Medição em milímetros

14 – TÉCNICA DE MANUFATURA

- | | | |
|----------------------|----------------|--------------|
| 0 – Não identificado | 2 – Acordelado | 4 – Modelada |
| 1 – Roletado | 3 – Em placas | |

15 – MARCAS DE USO

- | | |
|---|------------------------------------|
| 0 – Não identificado | |
| 1 – Fuligens na superfície externa | 2 – Fuligens na superfície interna |
| 3 – Fuligens na superfície externa com marca de trempe | |
| 4 – Fuligens na superfície interna com marcas de trempe | |
| 5 – Desgastes por atrito na parte interna da borda | |
| 6 – Desgaste externo por atrito de “corda” | 7 – Desgastes intencionais |
| 8 – Depressões circulares por líquidos | 9 – Desgastes na base |
| 10 – Desgaste na borda | |